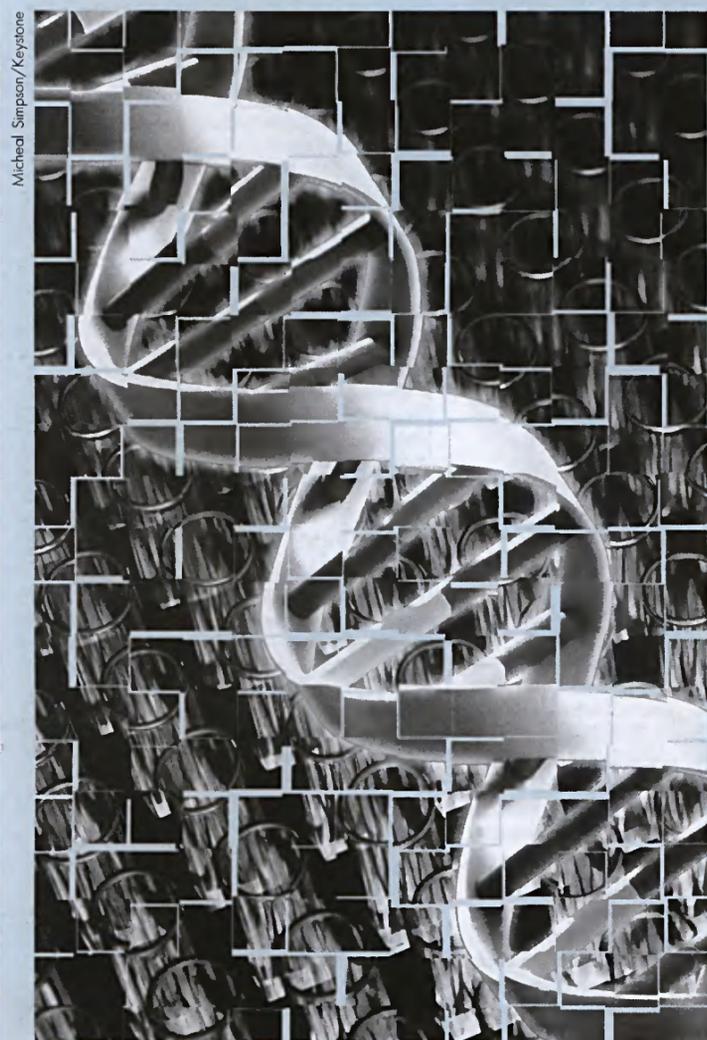
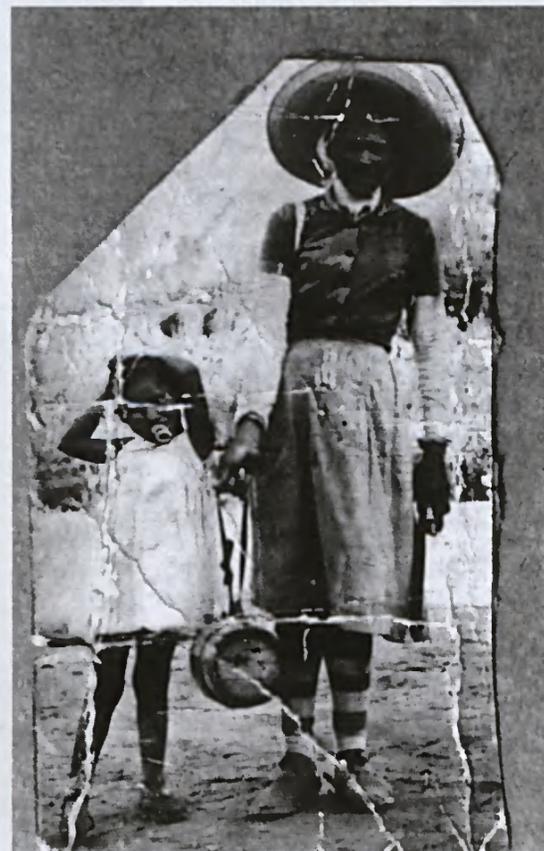


Na vanguarda da pesquisa



Universidade inaugura o primeiro Centro de Estocagem de Genes da América Latina. Com sede no câmpus de Jaboticabal, armazenará os clones gerados em projetos de seqüenciamento de DNA.

Págs. 8 e 9



Bóia-fria, em foto de 1957: espoliação e tragédia

O amargo sabor da cana

A trágica história de dois mil bóias-frias mantidos em regime de semi-escravidão pela família Matarazzo, no interior de São Paulo, nos anos 60.

Pág. 16

O ovo, esse desconhecido

Mitos que cercam o alimento mais completo e barato consumido pelo homem.

Pág. 5

Panelas velhas, um perigo!

Elas liberam alumínio e podem causar doenças como Alzheimer e mal de Parkinson.

Pág. 5

Mesmos ideais, por caminhos diferentes



Allegoria, de Waller Crane - Roma, 1906

Pesquisa pioneira compara trajetórias das esquerdas italiana e brasileira ao longo de 20 anos, entre 1945 e 1965.

Págs. 6 e 7

Uma solução simplista e perigosa

MESSIAS MENEGUETTE JUNIOR



Imagine um agricultor de videiras, com poucos empregados, que enfrente dificuldades de caixa. Um economista provavelmente ofereceria a solução, simplista, de cortar o número de funcionários, o que poderia amenizar o problema imediatamente, mas traria futuras dificuldades e dissabores, porque faria do sítio um produtor incapaz de crescer e competir com seus vizinhos.

Se um agrônomo fosse chamado a opinar, ele, como especialista e profundo conhecedor do tema, ofereceria soluções mais complexas e adequadas: analisar a melhoria da distribuição da produção, o uso de programação matemática para otimização dos lucros e diminuição das perdas e o aumento da área cultivada com a mesma mão-de-obra, sem a perda daqueles recursos humanos já "especialistas" naquele cultivo, entre outras.

A proposta do Fundo Monetário Internacional (FMI), de pagamento de mensalidades na universidade pública no Brasil, segue a solução economicista e simplista, que pode resolver momentaneamente o problema, mas corre o risco de gerar muitos dissabores futuros. O fato é que o FMI não tem competência e conhecimento sólido para sugerir soluções para a política educacional brasileira e também não trabalha com dados qualificados.

Mesmo assim, o FMI procura direcionar a opinião pública, sugerindo uma alternativa que, a médio prazo, aumenta nossa colonização via conhecimento. Com o argumento de objetivar um futuro promissor ao Brasil, propõe uma tese contrária para uma tese obscura e pouco detalhada. A principal preocupação do FMI estaria na "desproporção" de investimento em universidades públicas e os ensinos fundamental e médio. O fim da universidade gratuita é proposto como "política de distribuição de renda", baseando-se no "fato" de que a grande maioria dos alunos dos cursos universitários públicos são ricos e, portanto, deveriam pagar mensalidades.

É possível a identificação de, pelo menos, três teses no raciocínio do FMI: falta investimento nos ensinos fundamental e médio; os ricos deveriam pagar mais do que estão pagando; e as universidades públicas têm qualidade porque têm absorvido investimentos que deveriam ir para os ensinos médio e fundamental. Elas são inconsistentes, conforme podemos contra-argumentar. Primeiro, o gasto com o ensino superior público no Brasil é pequeno se comparado ao montante investido nos países desenvolvidos. Esses países cuidam enfaticamente da formação de gente bem qualificada e preparada para a guerra do conhecimento.

Acrescente-se que a formação de educadores deve ser boa, sob pena de gerar um processo destrutivo a médio prazo. Também é preciso investir nos ensinos fundamental e médio, sem que haja desfalque no que se investe no ensino superior, para garantir a continuidade da formação e do aprimoramento dos formadores.

Cabe acentuar ainda que entre 50% e 60% das vagas universitárias públicas são preenchidas por alunos provenientes dos ensinos fundamental e médio das escolas públicas. O restante não é nem rico, nem pobre — é de classe média. A realidade é que os filhos de ricos, quando estudam, vão para o Exteri-



Marzo Das Costa

or, e os filhos de pobres não chegam ao nível médio! Os ditos alunos ricos, portanto, vão para a universidade pública porque ela é de excelente qualidade, não porque ela é de graça. Eles geralmente procuram os cursos clássicos, que garantem "status", como medicina, odontologia, arquitetura e outros, cuja demanda é muito alta, mas representam uma porcentagem menor do total de vagas.

Além disso, o atendimento da universidade pública vai muito além de oferecer graduação aos ricos. Ele se dá por meio de pesquisa e extensão à comunidade, que, na maioria das vezes, vai ao encontro de solucionar problemas sociais concretos, principalmente pelo desenvolvimento de pesquisa.

De maneira implícita, o FMI parte da premissa de que o governo não estaria retirando todo o orçamento correspondente às mensalidades da universidade pública, ou seja, as mensalidades trariam aumento de verba para a universidade, além de permitir investimentos nas escolas fundamental e média. É sabido, no entanto, que mesmo nos países ricos as mensalidades correspondem a parcela pequena do total de investimento no ensino superior.

Assim, as teses possíveis e consistentes se resumem a: 1) falta investimento nas escolas fundamental e média (mesmo que seja para a formação de mão-de-obra qualificada e barata para as multinacionais); e 2) os ditos alunos ricos vão para a escola pública de terceiro grau porque ela tem excelente qualidade.

O ponto fundamental na tese-contrária do FMI, que é o pagamento de mensalidade, não garante nem investimento nas escolas fundamental e média, nem fará com que o pobre vá para a universidade (agora mais cara). Seguramente, porém, deterioraria a qualidade da formação de pessoas capazes de desenvolver inovação tecnológica, gerando, a mé-

dio prazo, mais colonização pelo conhecimento.

Outra tese-contrária mais adequada seria assim obtida. Primeiro, obriga-se os ricos a pagarem impostos devidamente, de maneira que o capital obtido seja canalizado obrigatoriamente para os ensinos fundamental e médio. Em seguida, exige-se qualidade das particulares, pois os ricos irão para elas deixando as públicas para os pobres, que não têm condições de pagar mensalidades.

Isso ocorre, hoje, nos níveis médio e fundamental. Mesmo que a escola pública seja relativamente boa, os ricos e a classe média enviam seus filhos para as escolas particulares, que oferecem algo mais, inclusive "segurança". Também deve-se exigir, nesse contexto, aumento de vagas públicas sem aumento de verba, fato prontamente possível.

Os nossos políticos não deveriam ter medo de soluções mais complexas e perenes. Deveriam, sim, afastar soluções imediatistas e optar pela cautela quando lidam com os destinos e a supremacia de seu povo. Há, entretanto, alguns esforços do governo federal que vale a pena ressaltar, como a avaliação das universidades e a ação do FUNDEF, que caminham em sentido oposto à proposta do FMI.

Assim, permanecendo no trilho e sem o empecilho de outras teses-contrárias, inoportunas e de eficácia duvidosa, avançaremos para uma síntese de independência e fortalecimento com resistência crítica à colonização pelo conhecimento. Seria muita incompetência nossa, como Nação, dar qualquer valor à sugestão simplista e sem base feita pelo FMI.

Messias Meneguette Junior é diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente. Colaborou Neri Alves, vice-diretor da FCT.

CARTAS

FOGO-SELVAGEM

Sou quartanista de Jomalismo na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Como projeto experimental para conclusão de curso, exigido pela faculdade, escolhemos como tema a doença pênfigo foliáceo, vulgarmente conhecida como fogo-selvagem. Pesquisando na internet possíveis fontes de informação, encontrei o site da UNESP e a página na qual a doença é detalhada. As informações ali registradas provêm, por sua vez, do *Jornal da UNESP* (novembro de 1998, nº 130). Como, atualmente, pesquise pouco acerca desta doença, recorro a vocês em busca de ajuda. Como faço para entrar em contato com a dermatologista Sílvia Regina Barraviera, que pesquisa o mal há mais de dez anos?
Milena Carnielli, estudante, São Paulo, SP.

Li, no *Jornal da UNESP* (edição de novembro de 1998), a reportagem "O mal que queima", sobre a doença pênfigo foliáceo, popularmente chamada de "fogo-selvagem". Gostaria, se possível, de entrar em contato com a dermatologista Sílvia Regina Barraviera, citada na reportagem.
Kátia Cristina Catunda, biomédica, Mogi das Cruzes, SP.

Ligue para a Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, no telefone (0xx14) 6802-6000, e peça o Departamento de Dermatologia.

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Trabalho com alfabetização de jovens adultos com problemas de conduta, na cidade de São Paulo. Buscando informações sobre o assunto, encontrei, na internet, uma reportagem publicada no *Jornal da UNESP* (novembro de 1998, nº 130) descrevendo o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Alfabetização Paulo Freire, na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca. Como devo proceder para entrar em contato com esse grupo?
Lilila Figueiredo, arte-educadora, São Paulo, SP.

O Grupo de Alfabetização Paulo Freire, coordenado pela professora Raquel Sant'Ana e integrado por alunos dos cursos de História, Direito e Serviço Social da FHDSS, câmpus de Franca da UNESP, pode ser contatado pelo telefone (0xx16) 711-1800. Nesta edição publicamos, à página 13, na seção "Livros", uma resenha sobre a obra A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire, lançada há pouco pela Editora UNESP.

PARA LER E GUARDAR

Parabenizo a toda a equipe da Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP pelo valioso jornal que produz. Nele, são veiculados, mensalmente, os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores dessa instituição, nas mais diversas áreas do conhecimento. Uma publicação para ler e guardar.
Paulo Sabino, pesquisador em transportes urbanos, Santo André, SP.

ASSINATURA

Ingressei este ano na UNESP, no curso de Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal. Como forma de conhecer melhor a produção da Universidade, sobretudo na área da biotecnologia e desenvolvimento genético, gostaria de fazer uma assinatura do *Jornal da UNESP*. Como devo proceder?
Bruna da Conceição de Matos, Jaboticabal, SP.

O *Jornal da UNESP* não tem assinaturas, mas, na medida do possível, atende às solicitações que lhe são feitas.

Correspondência para esta seção
cartasjornal@reitoria.unesp.br

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: José Carlos Souza Trindade
Vice-reitor: Paulo Cezar Razuk
Pró-reitor de Administração: Roberto Ribeiro Bazilli
Pró-reitor de Graduação: Wilson Galhego Garcia
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Marcos Macari
Pró-reitor de Extensão Universitária: Benedito Barraviera
Secretário Geral: Osvaldo Aulino da Silva
Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Luiz

Marcos da Fonseca (FCF-Araçatuba), Ricardo Samih Georges Abi Rached (FO-Araçatuba), José Antonio Segatto (FCL-Araçatuba), Elizabeth Berwerth Stucchi (IQ-Araçatuba), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), José Carlos Plácido da Silva (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Carlos Antonio Gamero (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), José Roberto Corrêa Saglietti (IB-Botucatu), Luiz Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHSS-Franca), Guilherme Eugênio Filippo Fernandes Filho (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Kester Carrara (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-Presidente

Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Maria Rita Caetano Chang (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Diagramação e D.T.P.: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Alejandro Fabian, Cleide Portes e Waltair Martão (reportagem)
Produção: Célia Regina Moreira e Mara R. Marcato

Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 18.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323 e 252-0324. Fax (0xx11) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: <http://www.unesp.br/jomal/>
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

EXTENSÃO

Parceria solidária

Universidade desenvolve programa em Ocauçu, um dos municípios mais carentes do Estado

Distante 40 quilômetros de Marília, no centro-oeste paulista, Ocauçu apresenta um perfil que a coloca entre as cidades mais carentes do Estado. Sessenta e cinco por cento da população de 4.531 habitantes vivem na zona rural. Dos recursos advindos do ICMS, recebe pouco mais de R\$ 1,8 milhão ao ano. A taxa de analfabetismo gira em torno de 21%, e a mortalidade infantil é de 34,88 crianças para cada mil. Esse quadro, somado à incidência de graves problemas sociais, como o alcoolismo, a presença de drogas entre os jovens e crianças longe da escola, completam o triste cartão postal. Por essa razão, Ocauçu integra, junto com as outras sete cidades, o programa Comunidade Solidária em sua região e foi o município escolhido pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do câmpus de Marília, em 1997, para participar de seu programa de extensão universitária, denominado "UNESP em parceria com as administrações municipais".

O interesse da Prefeitura de Ocauçu foi imediato. Já em 1998 foi iniciado, por docentes e estagiários da FFC, o recolhimento de dados para a montagem de um programa de ações. O projeto, já estruturado e encaminhado, passou, no início de 2001, a beneficiar-se do financiamento de R\$ 20 mil e das diretrizes do Programa de Apoio e Desenvolvimento de Comunidades, da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação-SESu/MEC e do Conselho da Comunidade Solidária. No dia 9 de março último foi firmado o acordo de cooperação entre o município e a FFC, em evento celebrado na Câmara Municipal de Ocauçu.

QUATRO GRANDES ÁREAS

O projeto define ações em quatro grandes áreas, que serão desenvolvidas no município nos próximos seis meses. Na área da Educação Infantil, por exemplo, umas das metas é atuar no atendi-

mento às crianças das creches e da pré-escola do município. Para a Educação de Adultos está prevista a valorização e participação dos adultos na comunidade, diminuindo os índices de analfabetismo. No quesito Meio Ambiente, será debatida a preservação ambiental, com a im-

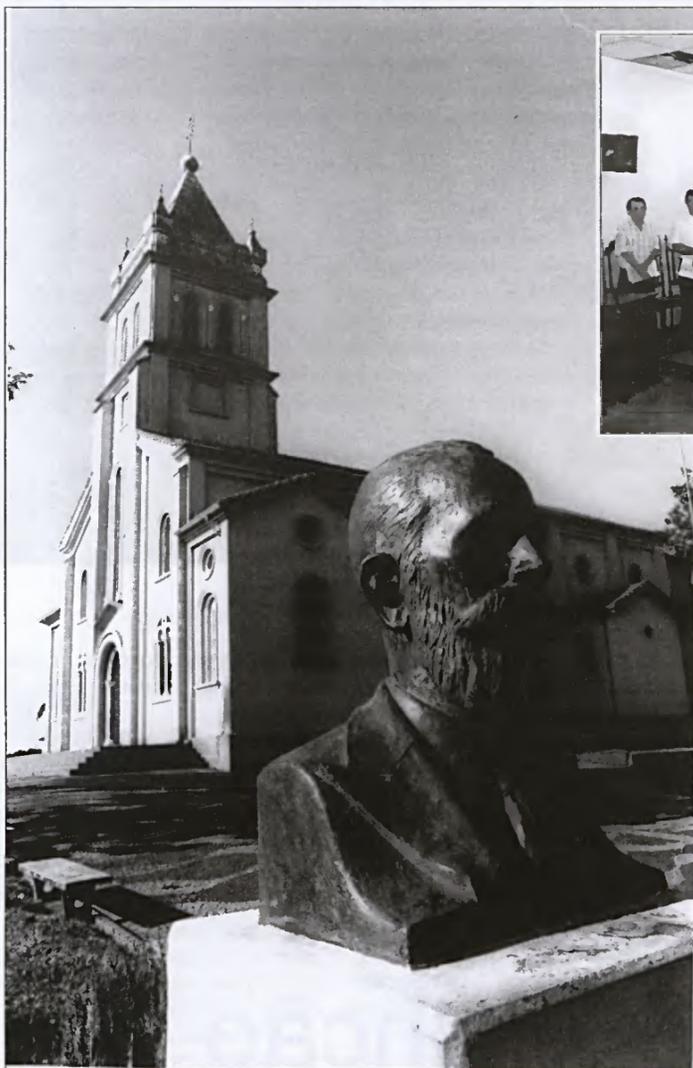
plantação de um programa de coleta seletiva e reciclagem de lixo. Finalmente, no que diz respeito à dinamização da Cultura, Lazer e Cidadania, o objetivo é socializar a cultura junto à população, organizando ciclos de filmes, divulgando a produção artística local e propondo a criação

de uma comissão de cultura municipal.

Entre as autoridades presentes à solenidade estiveram, pela UNESP, o pró-reitor de Extensão Universitária, professor Benedito Barraviera, o diretor da FFC, professor Kester Carrara, e docentes e alunos da faculdade inseridos no projeto. Representando o município, compareceram o prefeito, Ézio Mazzoli, e o presidente da Câmara, Mário José Colombo, além de vereadores e secretários municipais. Marcou presença também, no encontro, Miguel Sampaio de Souza e Silva, representante do Escritório Regional de Articulação e Planejamento de Marília (Erplan), órgão estadual que coordena o programa Comunidade Solidária na região.

"A palavra de ordem é parceria, e este projeto engloba vários setores, com o objetivo comum de melhorar a qualidade de vida das pessoas", afirmou, na solenidade, o pró-reitor Barraviera. Elogiando a iniciativa da UNESP, o prefeito Mazzoli acrescentou: "Vamos atuar com firmeza e dedicação, para que o programa cresça e englobe novos segmentos da sociedade".

Waltair Martão



Centro de Ocauçu (à esq.) e a assinatura do acordo: melhor qualidade de vida

Fotos Hélio Toth

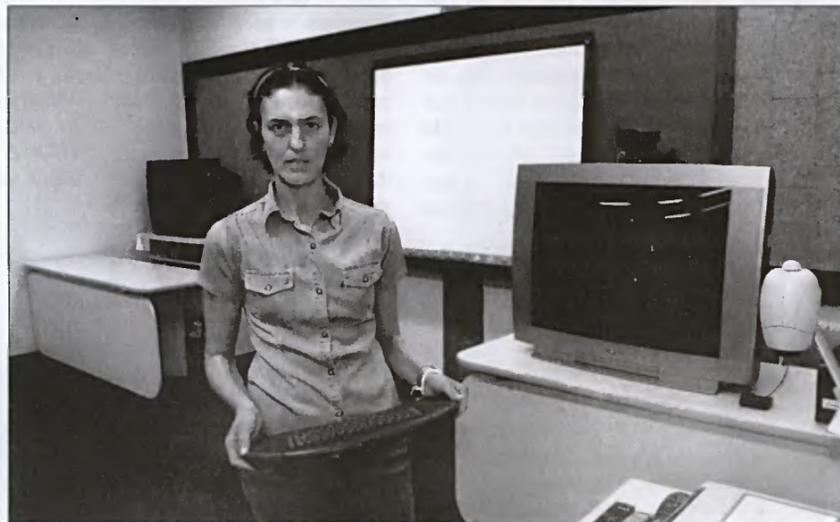
TECNOLOGIA

Longe daqui, aqui mesmo

Projeto Videoconferência viabiliza comunicação on-line

Dentro em breve, alunos e professores de cinco faculdades da UNESP – Ciências Agrônômicas, de Botucatu; Ciências Agrárias e Veterinárias, de Jaboticabal; e as de Engenharia de Bauru, Guaratinguetá e Ilha Solteira – poderão participar de conferências, aulas e palestras conjuntas sem saírem de sua própria cidade. Em cerca de 30 dias, deverá entrar em funcionamento o Projeto Videoconferência da UNESP, que inicialmente interligará essas cinco unidades.

Videoconferência é uma forma de comunicação on-line, por meio de linhas telefônicas digitais ou links especiais, que permite a transmissão de imagens, sons e dados, além de possibilitar a interatividade entre pessoas separadas por longas distâncias. Para isso, é necessária uma série de equipamentos. No caso do Projeto Videoconferência da UNESP, cada uma das cinco unidades já recebeu o seu kit de equipamentos, que inclui sistema de videoconferência de sala, sistema de videoconferência desktop (de mesa, para se interligar a partir de um microcomputador comum), câmera, projetor, team board (lousa eletrônica), programas aplicativos, TV de 34 polegadas, videocassete e sistema digitalizador para quadro branco.



Hélio Toth

A bibliotecária Maria Inês: cinco unidades interligadas pela Intranet

PROJETO ENXUTO

Tornar realidade o Projeto Videoconferência da UNESP não foi tarefa das mais fáceis. Que o diga sua idealizadora, a bibliotecária Maria Inês Andrade e Cruz, diretora do Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) da UNESP, câmpus de Botucatu. "Em busca de financia-

mento, apresentei o projeto duas vezes à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp, e uma ao Ministério da Educação, MEC", conta Maria Inês. "O projeto não recebeu a aprovação de nenhum dos dois órgãos."

A pedido do então diretor da FCA, Elias José Simon, Maria Inês fez o projeto, tornando-o mais enxuto. Simon, por

sua vez, encaminhou o projeto à Reitoria, que o aprovou e determinou à Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo) que liberasse a verba, um montante de R\$ 442.952,00. "Esse passo tornou possível a interligação das cinco unidades, por meio da Intranet, a rede de computadores da UNESP, e por links que serão instalados pela Embratel, empresa que venceu a licitação para realizar o trabalho", explica Maria Inês.

Agora, a bibliotecária está estudando uma expansão do projeto, que será encaminhado à Fapesp. "Vamos solicitar um financiamento complementar, no valor de R\$ 481.868,00", adianta. "Usaremos o dinheiro para a compra de novos equipamentos, visando a melhoria das instalações das cinco unidades pioneiras, para que elas possam ser interligadas aos demais câmpus da UNESP."

VETERINÁRIA

Vaca louca nem passa perto

Livro e CD-ROM sobre saneamento e profilaxia garantem a saúde da bicharada

Medidas gerais de higiene, saneamento e profilaxia são essenciais para a melhoria da qualidade e o aumento da produção na área animal. Para atender produtores rurais, professores e alunos, especialmente das áreas de Medicina Veterinária, Zootecnia e Agronomia, o médico veterinário sanitarista Hélio Langoni e o médico veterinário Paulo Francisco Domingues, ambos da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da UNESP, câmpus de Botucatu, lançam, numa iniciativa pioneira na área, o projeto *Manejo Sanitário Animal*, que inclui um livro e a sua versão em CD-ROM. "O objetivo é oferecer informação especializada, numa linguagem técnica mas acessível", afirma Langoni, que também é assessor da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex).

Lançada pela Editora de Publicações Biomédicas, com apoio da multinacional Fort Dodge e da Gnosis Sistema Editorial, a obra discorre sobre a importância da saúde e do saneamento na produção de suínos, aves, eqüídeos, ovinos, caprinos, bovinos, bubalinos e animais silvestres criados em cativeiro, além de mostrar como ecto e endoparasitas cau-



lfo Clerezo



Hélio Langoni

Langoni: produtos livres de agentes patogênicos

sam prejuízos à produção. "O material informa sobre higiene de instalações, água, alimentos e dejetos, além de desinfecção e desinfetantes", explica Domingues. "Contribui, assim, para oferecer ao consumidor produtos de origem animal li-

vres de agentes patogênicos, causadores de doenças no ser humano."

TIRA-DÚVIDAS

O resultado impresso animou tanto os autores, que as 244 páginas do livro foram transpostas, pelo médico veterinário Rui Seabra Ferreira Junior, residente do Centro de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap), unidade complementar da UNESP no

câmpus de Botucatu, para um CD-ROM, que contém mais de mil imagens digitalizadas e cerca de 30 minutos de vídeos e animações. "O material dá ainda acesso direto a sites da Internet sobre a área de manejo sanitário e a um sistema de tiradúvidas via e-mail com os autores", diz Langoni, que prepara o lançamento, para o próximo ano, de um trabalho, também na forma de livro e CD-ROM, sobre zoonoses, as doenças comuns entre os homens e os animais.

O CD-ROM, produzido pela Gnosis Sistema Editorial, com apoio da Fort Dodge Saúde Animal, traz também um sistema de auto-avaliação com 270 testes comentados e um avançado sistema de busca. "O CD-ROM é uma forma moderna e interativa de entrar em contato com aqueles que adquirem o material. Possibilita grande eficácia e imensas possibilidades em situações de ensino a distância e de ensino não presencial", conclui Langoni. O livro e o CD-ROM são vendidos ao preço de R\$ 130,00. Maiores informações, pelos telefones 0800-253722, em São Paulo, ou 0800-552982, no Rio de Janeiro. Ou pelos e-mails epub@epub.com.br ou epub@unisys.com.br ou epubsp@uol.com.br

GRADUAÇÃO

Não à extinção

Mobilização tenta salvar Programa Especial de Treinamento – PET

No último dia 4 de abril, a Comissão de Cultura, Ciência e Tecnologia da Assembléia Legislativa de São Paulo instalou uma audiência pública com o objetivo de levantar subsídios para uma tomada de posição oficial dos deputados estaduais contra a ameaça de extinção do Programa Especial de Treinamento, o PET. Os últimos acontecimentos – atrasos nos pagamentos de bolsas, extinção de taxas acadêmicas, corte da presença de professores visitantes, tentativa de limitação das áreas de pesquisa – indicam que a Secretaria de Ensino Superior (SESu) do MEC, mantenedora do programa, tende a cancelá-lo.

A audiência estiveram presentes os deputados Vaz de Lima, presidente da comissão, Mariângela Duarte, Cesar Callegari e Lobi Neto, o pró-reitor de Graduação da UNESP, Wilson Galhego Garcia, professores e tutores da USP, UNESP, Unicamp e PUC/SP e alunos petianos. Na oportunidade, foi apro-



Hélio Toth

Audiência: texto aprovado

vado um texto, elaborado por Garcia, que pede a manutenção do PET e aponta os motivos para isso. O documento será um instrumento para que os deputados e a comunidade acadêmica paulista levem sua posição ao ministro Paulo Renato Souza, da Educação. "O texto traduz o pensamento das pessoas envolvidas com o PET e que sabem da sua importância para a formação

acadêmica", disse o pró-reitor. O PET foi criado em 1979 pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Tinha por objetivo melhorar o ensino de graduação e a qualidade dos cursos de pós-graduação, por meio de um treinamento avançado de grupos de até 12 graduandos, sob orientação de professores tutores. Em 1999, a Capes anunciou sua extinção.

Com a mobilização acadêmica, o MEC transferiu o programa para a SESu. Atualmente o PET tem 319 grupos, distribuídos por todas as áreas do conhecimento, e está presente em 59 universidades – federais, estaduais, comunitárias, como as PUCs, municipais e particulares. A UNESP é a instituição que congrega mais grupos em todo o País, com o total de 29.

VESTIBULAR

Há vagas

Câmpus de Ilha Solteira oferece 120 novos lugares

Com o objetivo de oferecer mais vagas na Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Ilha Solteira, a UNESP começa, a partir deste ano, a realizar dois vestibulares naquela unidade. São assim geradas mais 120 vagas anuais, 30 em cada uma das três Engenharias (Civil,



Hélio Toth

Elétrica e Mecânica) e no curso de Agronomia. Cada um desses cursos, que antes tinha 50 vagas anuais, passa a oferecer 80, sendo 40 no primeiro vestibular do ano e mais 40, no segundo. "Ao se fazer duas turmas de 40 alunos por curso, com aulas iniciando em semestres diferentes, aumen-

Engenharia de Ilha Solteira: provas, em julho

ta-se o número de vagas e busca-se melhorar a qualidade do ensino, porque os laboratórios serão utilizados por um menor número de alunos por turma", diz o pró-reitor de Graduação, Wilson Galhego Garcia.

As inscrições vão de 7 a 25 de maio, o *Manual do Candidato* custa R\$ 10,00 e a taxa de inscrição, R\$ 60,00. As provas ocorrerão no câmpus de Ilha Solteira, nos dias 8, 9 e 10 de julho. A primeira chamada dos classificados será em 31 de julho, e o início das aulas, em 13 de agosto. Informações: (0xx11) 3670-5300, na Fundação Vunesp.

CONCURSO

Prêmios e bolsas. Interessa?

Os incentivos vêm do Japão, em forma de verbas e passagens aéreas

Uma boa notícia para os pesquisadores brasileiros, sejam eles jovens ou experientes. A Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa acaba de abrir, mais uma vez, a temporada de inscrições para o Fundo Buka de Pesquisa do Banco Sumitomo, que oferece incentivos na forma de auxílios e prêmios. Neste ano, haverá cinco beneficiados na modalidade "Auxílio à Pesquisa", que concede R\$ 3 mil, para jovens pesquisadores graduados há menos de dez anos. Há ainda prêmios reservados aos vitoriosos na categoria "Auxílio-Viagem", que receberá uma passagem aérea, classe econômica, ida e volta, para a participação em reuniões científicas no Japão; e o Prêmio a Pesquisador (R\$ 4 mil), destinado ao profissional que mais tenha contribuído para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no País. As inscrições se encerram em 29 de julho e podem ser feitas na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, à Rua São Joaquim, 381, em São Paulo, SP, CEP 01508-900, ou pelo correio. Outras informações, pelo telefone (0xx11) 278-1755.



ZOOTECNIA

Ovo sem pêlo

Laboratório desvenda segredos do ovo, o alimento mais completo – e barato – consumido pelo homem

Fonte natural de proteínas, vitaminas, ferro, ácidos-graxos e sais minerais, o ovo, segundo o organismo das Nações Unidas para a Agricultura, FAO, é o alimento mais completo – e barato – consumido pelo homem. Um ovo supre 45% da vitamina e 25% da proteína diárias necessárias a um adulto, ao preço médio de R\$ 1,20 a dúzia. Mesmo assim, existem poucos especialistas no assunto. No Brasil, o zootecnista Pedro Alves de Souza, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, câmpus de Jaboticabal, é um dos pioneiros na área. “Desenvolvemos, em nosso Laboratório de Tecnologia dos Produtos de Origem Animal, diversas pesquisas sobre a higienização e a melhoria de ovos de galinha”, afirma.



Souza, que estuda ovos há 20 anos: eles se estragam como o leite e a carne

juntas permanecem a clara e a gema. Assim, ao quebrar um ovo, quanto menos ele se esparrear, mais fresco estará”, explica.

JOGADA DE MARKETING

O zootecnista também verificou que os chamados ovos *light* não passam de uma jogada de *marketing*. “Um produto, para ser *light*, deve ter 25% menos de gordura em relação ao comum, ao caipira e ao pufa. Naqueles que analisamos, que anunciavam 20% menos colesterol, verificamos apenas 6% de redução em relação ao comum, ao caipira e ao pufa”, diz. Ele ainda alerta que consumir ovo inteiro, cru ou batido, não é recomendável. “A clara tem uma série de proteínas que impede o organismo de absorver a vitamina B. Aquecendo a clara, essas proteínas se alteram e não há mais

prejuízo à saúde”, diz.

No Laboratório de Tecnologia dos Produtos de Origem Animal da FCAV, Souza também desenvolveu uma ração, enriquecida com 2% de resíduos de carvão vegetal, que possibilita a produção de ovos e carne de galinha com, respectivamente, 22% e 34% menos colesterol, além de reduzir em 27% o número de ovos trincados e aumentar a postura em 2,5%. “O resíduo é formado por minerais que agem no metabolismo da ave”, informa.

O cálcio encontrado no carvão vegetal, por exemplo, aumenta a resistência da casca, que não trinca facilmente. “O cobre e o cromo, por sua vez, levam a uma maior eliminação de gordura nas fezes das galinhas. Por isso, os ovos e a carne das aves que se alimentam com mais carvão vegetal apresentam menores teores de gordura e colesterol”, diz o pesquisador. “Além disso, aves com menos gordura tendem a ser mais férteis.”

(O.D.)



Fotos Hélio Toth

VOCÊ SABIA?

- Que os ovos devem ser mantidos sempre sob refrigeração?
- Que devem ser consumidos em até 60 dias, quando guardados em geladeira?
- Que, se quando chacoalhados, o conteúdo se mover, eles estão estragados?
- Que não existem os chamados ovos *light*?
- Que não se deve comer ovos crus?

TOXICOLOGIA

Panela nova é que faz comida boa

Velhos utensílios de cozinha liberam alumínio e podem causar doença de Alzheimer e mal de Parkinson

Dizer que a voz do povo é a voz de Deus nem sempre é verdade, ainda mais quando se trata de panelas. “É incorreto achar que panela velha é que faz comida boa, principalmente quando a panela é de alumínio”, alerta o toxicologista Igor Vassilieff, do Centro de Assistência Toxicológica (Ceatox), unidade auxiliar da UNESP sediada no Instituto de Biociências, câmpus de Botucatu. “Uma panela velha, queimada, com o fundo preto pelo repetido uso, destempera. Passa então a liberar alumínio para o alimento, que, ao ser ingerido, oferece risco de intoxicação.”

O excesso de alumínio pode causar encefalite, processo inflamatório que atinge as células nervosas. Segundo Vassilieff, uma consequência pode ser a doença de Alzheimer, que se caracteriza pela deterioração intelectual, associada à desorientação temporal e espacial. “A pessoa perde a capacidade de realizar raciocínios”, explica.

Vassilieff também acredita que exista uma ligação entre o alumínio e o mal de Parkinson, caracterizado por tremores em repouso, rigidez muscular e dificuldade para exercitar movimentos voluntários. “Muitos metalúrgicos, ao final de suas vidas, sofrem dessa doença, que se



O toxicologista Vassilieff: o alumínio pode destruir células nervosas

desenvolve pelo contato com metais pesados, como o alumínio.”

CUIDADO: ÁGUA POTÁVEL

O contato com o alumínio não ocorre apenas com panelas destemperadas. Outra forma de absorver esse metal ocorre quando bebemos água potável. “Uma das substâncias químicas utilizadas no trata-

mento de água em todo o País é o sulfato de alumínio, cujo excesso pode levar à contaminação, principalmente de idosos e crianças, que podem até sofrer de retardo mental”, diz o toxicologista. “Alertado por diversas entidades, o Ministério da Saúde já está começando a orientar outras formas de precipitar a água das nascentes, com filtros, por exemplo.”

Além do uso de panelas velhas, a tradição popular recomenda também a utilização de pregos de ferro dentro de copos de água ou panelas para evitar anemia. Vassilieff esclarece por que essas crenças são perigosas para a saúde. “Nem toda anemia é causada por deficiência de ferro”, lembra. “Além disso, o ferro liberado por esse prego pode ser excessivo para o organismo e, ao se concentrar no tubo digestivo, irrita as mucosas da região e causa quadros diarreicos.”

Vassilieff alerta que não basta tomar cuidado com as panelas, evitando crenças populares. O que vai dentro delas também precisa ser observado atentamente. “O maior exemplo é o tomate. Sua casca precisa ser muito bem lavada, pois ela geralmente contém resíduos de agrotóxicos, como o manganês”, diz. “O excesso desse metal pesado no organismo pode levar a um estado generalizado de fraqueza, conhecido como astenia. Também causa apatia, sonolência, fases de euforia psíquica, tremores das mãos e da língua e até deterioração mental.”

EVANILDO DA SILVEIRA



Na bagagem das levadas de imigrantes italianos, que começaram a desembarcar no Brasil a partir da década de 80 do século XIX, vinham mais do que rotas vestimentas. Embrulhadas em seus sonhos, eles traziam junto as idéias marxistas e socialistas.

Vindos para substituir o trabalhador escravo nas lavouras de café, os imigrantes italianos foram além e também semearam o terreno das idéias. Foram eles que plantaram o socialismo em solo brasileiro. Com isso, colheram um princípio de conscientização e organização do proletariado, que resultou nas primeiras greves realizadas no País. Sustentaram esta situação até por volta de 1930, quando Getúlio Vargas impôs restrições à imigração estrangeira. A partir daí ocorreu, por assim dizer, uma "nacionalização" do operariado, que ceifou as novas idéias que brotavam.

Estranha-se, hoje, quando se historiciza a época, que, apesar de os italianos terem trazido idéias socialistas para o Brasil e terem tido um papel político destacado por cerca de 50 anos — organizavam greves, publicavam dezenas de periódicos, difundiam idéias —, essa atuação não tenha gerado frutos duradouros. Quer dizer, não houve nenhuma tentativa, por parte de líderes socialistas dos dois países, Itália e Brasil, de formar-se partidos articulados entre si. Os socialistas brasileiros e italianos preferiram percorrer sendas próprias e separadas, embora, em tese, vicejassem na mesma horta ideológica e armazenassem, em seus silos teóricos, as mesmas idéias.

Para entender por que essa semente, afinal, não germinou, é que o historiador Frederico Alexandre Hecker, do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, realizou a pesquisa *A Força do Modelo: História Comparada do Socialismo no Brasil e na Itália*. No projeto, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), ele analisa a história das esquerdas no Brasil e na Itália, no período entre 1945 e 1965. "É um trabalho de história comparada", explica Hecker. "É um campo da história ainda pouco desenvolvido no Brasil."

O pesquisador concentrou-se no período 1945-1965, porque já havia estudado anteriormente a história da esquerda em São Paulo, para sua tese de doutorado, que resultou no livro *Socialismo Social: História da Esquerda Democrática em São Paulo (1945-1965)*, lançado pela Editora UNESP em 1998. Hecker deu continuidade ao trabalho porque sentiu falta de estudos comparando regimes partidários e ideológicos. Para atingir esse objetivo, além de entrevistar militantes e intelectuais brasileiros,

como Antonio Candido e Jacob Goreneder, ele passou seis meses, entre 1997 e 1998, na Itália, mais precisamente na Universidade de Milão. "Essa viagem me possibilitou o contato com especialistas em história da esquerda italiana do pós-guerra, o que muito enriqueceu meus estudos", conta o historiador da UNESP.

SEM CONTATOS

A pesquisa de Hecker não começou pelo ano de 1945 por mero acaso. Foi nessa data que foram fundados o Partido Socialista Brasileiro (PSB), em São Paulo,

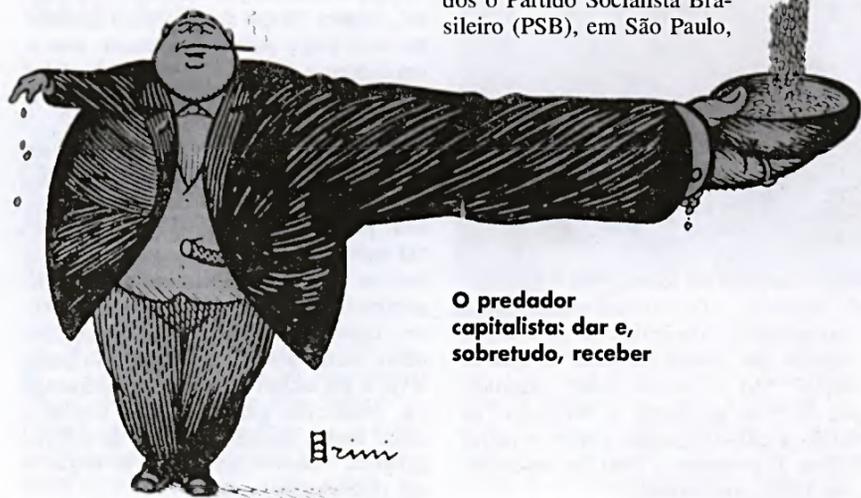
e o Partido Socialista Italiano (PSI), criado, em Roma, logo após a guerra. "São partidos que nasceram das mesmas idéias marxistas, das mesmas propostas políticas e do afã de representar o proletariado, mas não têm pontos de contato diretos", explica o historiador. "Os socialistas daqui não freqüentavam os de lá, e vice-versa. Não há troca de literatura, até porque, no Brasil, sempre tiveram mais importância as leituras ligadas à França e aos Estados Unidos."

Aqui começam, talvez, a se delinear as grandes diferenças entre o PSB e o PSI. O PSB,

reduzido de intelectuais, era um partido pequeno, cuja sede era freqüentada por não mais que uma dezena de pessoas, sem inserção na sociedade, com poucos votos e que tinha uma posição extremamente crítica em relação aos comunistas, isto é, ao Partido Comunista Brasileiro, que seguia a liderança mundial da União Soviética. "O Partido Socialista Italiano, ao contrário, era o terceiro maior partido da Itália, tinha voto, tinha influência e estava mais ligado às dire-

Socialismo sem sotaque

Estudo pioneiro mostra que, apesar de partilharem os mesmos ideais, as esquerdas italiana e brasileira sempre trilharam caminhos diferentes

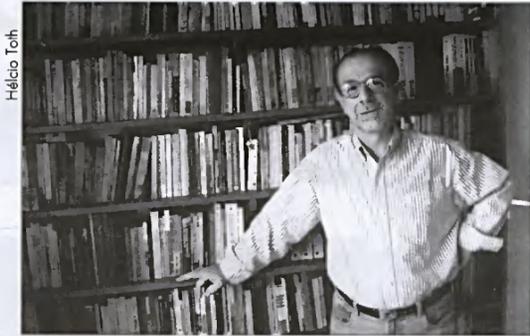


O predador capitalista: dar e, sobretudo, receber



Uma das célebres imagens antibélicas de Scalarini

As imagens destas páginas foram extraídas do livro *Le Immagini del Socialismo*, editado pelo Partito Socialista Italiano



Hélio Toff

Hecker: socialismo de São Paulo contra a URSS

trizes ditadas pela União Soviética”, explica Hecker.

As causas dessas diferenças podem, talvez, ser explicadas pela história de cada país. A Itália, ao final da Segunda Grande Guerra, era uma terra devastada, sem unidade nacional, que vivia à sombra do fascismo. “O ambiente, portanto, era dos mais favoráveis à esquerda”, diz Hecker. “Os militares e o governo estavam desgastados, o que permitia demonstrações de insatisfação dos operários. Assim, nas maiores cidades do centro e do norte, estouraram greves como não se viam havia mais de 20 anos. As palavras de ordem da esquerda, tais como ‘terra para todos’, encantaram as massas rurais.”

Nesse ambiente, não é de se estranhar que todas as forças antifascistas, que incluam comunistas, socialistas, democrata-cristãos e liberais, tenham se unido para lutar pela democratização da Itália. “Em 1946, a luta pela unidade nacional se volta para os três partidos de massa recém-nascidos, isto é, a Democracia Cristã, o Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária e o Partido Comunista Italiano. Os

partidos ganharam extrema força no processo de consolidação da democracia, sendo a Itália considerada, até hoje, uma ‘partitocracia’. A pátria era o partido que exigia uma identificação primeiramente católica, comunista ou socialista, e só depois italiana.”

No Brasil, a situação era um pouco diferente. O País saía da ditadura do Estado Novo, num arranjo das oligarquias. A maioria da população era rural e não acostumada à democracia, pois até então o Brasil não havia experimentado esse regime. A experiência partidária também era escassa. “Até essa época, partidos políticos brasileiros eram regionais e representavam estados ou facções de classe”, explica Hecker. “Só em 1945 é que nascem os partidos modernos.”

TRÊS CORRENTES

A esquerda brasileira, nessa época, estava dividida em três correntes. Uma, representada pelo Partido Comunista Brasileiro, burocrático e dando apoio ao governo do marechal Eurico Gaspar Du-



A Luta, jornal de 1934 (acima), e cartaz de campanha pela paz (1951)

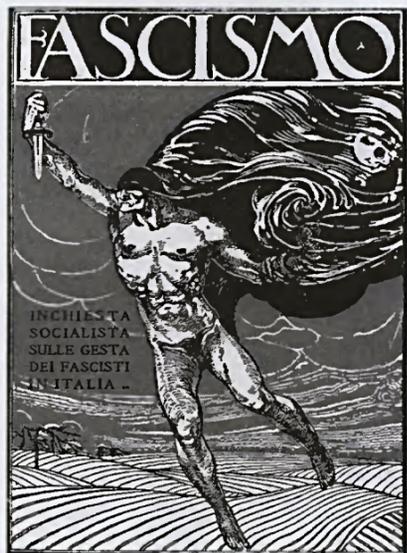


tra; outra, pelo PTB, populista e com fortes ligações com trabalhadores organizados em sindicatos; e uma terceira corrente, personificada pelo PSB, formado principalmente por intelectuais. “Desse partidos, o único que tinha inserção na sociedade e, portanto, votos, era o PTB”, conta o historiador da UNESP.

Os socialistas brasileiros e italianos também se diferenciavam na maneira de encarar a União Soviética. O PSB não

rezava pela cartilha da foice e do martelo. “O socialismo de São Paulo, após 1945, é, diferentemente do comunismo, um movimento contra a URSS”, explica Hecker. “Mas, na Itália, até a desestabilização, ocorrida após a morte Stálin, se pegamos os jornais socialistas italianos, só há foice e martelo. Isso é muito curioso. O trabalho foi útil para entender como, a partir de bases comunistas comuns, os socialistas do Brasil divergem diametralmente.”

Até mesmo diante do surto de desenvolvimento que os dois países viveram na década de 50, os socialistas dos dois lados do Atlântico reagiram de maneira diferente. As esquerdas italiana e brasileira tomaram rumos opostos. Na Itália, os socialistas aliaram-se a grupos mais conservadores, como a democracia cristã, o que os levou a abrandar a pregação revolucionária e a se candidatar ao poder, que alcançaram em 1963. “No Brasil, os comunistas e os socialistas se aproximam do poder na mesma época, com João Goulart, mas a saída é totalmente diferente”, explica o historiador da UNESP. “Enquanto a Itália caminhou para uma democracia cada vez mais disseminada, o Brasil despencou numa ditadura, com as esquerdas perseguidas e exterminadas. Esse paralelismo pode nos ajudar a entender as nossas especificidades.”



Livro-manifesto antifascista



Revista L'Asino: capitalismo selvagem



Paixão política, por Augusto Colombo

Espaço para a utopia

Pesquisador considera a possibilidade do “cidadão universal”

A queda do Muro de Berlim e o colapso do comunismo, a partir de 1989, assanhou os liberais, neoliberais e conservadores de todos os matizes, que se apressaram em decretar o fim das esquerdas. O tempo, no entanto, se encarregou de mostrar que as notícias da morte do socialismo eram um tanto exageradas. Prova disso é o vigor que os partidos de esquerda vêm mantendo na Itália e seu crescimento recente no Brasil.

As últimas eleições municipais, no Brasil, exemplificam à perfeição esse crescimento. Em várias capitais brasileiras, os partidos de esquerda saíram fortalecidos e já se preparam para uma eventual chegada à presidência. Para o historiador Frederico Alexandre Hecker, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, a esquerda tem futuro, mas deve se voltar para o novo sem esquecer seu passado. “O PT tem alguma coisa do velho partido socialista, cujo lema era: ‘socialismo e liberdade’”, constata. “Numa época em que não havia liberdade, as esquerdas sempre tenderam a valorizar, da tríade da Revolução Francesa, a igualdade, enquanto que

os liberais enfatizavam a liberdade. Mesmo assim, a viabilização da esquerda passa pela busca de um novo caminho.”

Na Itália, apesar de líderes socialistas, como Bettino Craxi, que tomou o Estado e o transformou num dos mais corruptos do planeta, a esquerda socialista sobreviveu. Na opinião de Hecker, um sistema mais próximo do bipartidarismo americano não significa necessariamente eficiência. “Nós, brasileiros, vivemos reclamando que nossos partidos não têm uma estrutura organizada ou proposta de governo, pois ficamos sempre dependendo de pessoas: o PFL dependendo do ACM [o senador baiano Antônio Carlos Magalhães], o PMDB de seus caciques, e assim por diante”, diz. “Por isso, a Itália, no que toca à ‘partitocracia’, continua sendo uma referência válida.”

Apesar de defender que os partidos socialistas precisam ser, numa certa medida, reinventados, Hecker acredita que ainda há espaço para utopias. “Devemos procurar pontos de aproximação entre individualismo e sociedade, pois há espaço para os dois”, assegura. “A globalização traz malefícios, mas também benefícios.” Um desses benefícios seria, segundo ele, o fato de, hoje, ser

mais difícil o surgimento de um ditador, já que os processos políticos são muito mais visíveis. “Veja-se os casos de Pinochet e Fujimori”, aponta Hecker. “Embora tenham exercido a sua ditadura, hoje estão pagando por seus atos. Há uma democratização via comunicação, com a Internet e a disseminação da TV a cabo”. Para o pesquisador, o que ocorreu no Leste Europeu é emblemático. Ele lembra que foi a televisão que incentivou e organizou as pessoas para derrubarem governos ditos comunistas. “Tudo isso pode permitir uma certa cidadania universal daqui para a frente”, sonha.

Hecker vai mais longe e imagina um futuro no qual não seja necessário dizer ‘sou brasileiro’, mas sim ‘sou de uma grande ONG mundial que luta pela defesa da democracia’. “Em vez de pertencer a um país, pertenceríamos a um Estado de Direi-

to Internacional, com carteirinha de adesão e tudo o mais”, imagina. Por isso, o socialismo não é uma doutrina em extinção. Até que se encontre um outro vocábulo, o socialismo vai continuar significando a busca por uma sociedade justa e igualitária.”



Allegoria, de Walter Crane - Roma, 1906

NO MAPA DA MELHOR CIÊNCIA

Inaugurado no câmpus de Jaboticabal, Centro Brasileiro de Estocagem de Genes coloca o Brasil na vanguarda da pesquisa científica

WALTAIR MARTÃO

Em julho de 2000, a revista norte-americana *Nature*, a mais respeitada publicação científica do planeta, anunciou a conclusão do Projeto Genoma *Xylella fastidiosa*. O seqüenciamento genético da clorose variegada de citros (CVC), ou "praga do amarelinho", que provoca enormes prejuízos aos laranjais paulistas, foi uma façanha e tanto: era o primeiro mapeamento genético feito com um patógeno vegetal em todo o mundo. Além de possibilitar aos pesquisadores estudos mais minuciosos de como combater a doença, o trabalho, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), com a participação de 35 pesquisadores da UNESP, colocou o Brasil na vanguarda da pesquisa genômica mundial. No último dia 24 de abril, o País ratificou esta posição ao inaugurar, no câmpus da UNESP de Jaboticabal, o Centro Brasileiro de Estocagem de Genes, ou Brazilian Clone Collection Center (BCCCenter).

Pela primeira vez é criado na América Latina um grande laboratório apto a manter os clones de genes gerados em projetos de seqüenciamento de DNA, em moldes semelhantes aos dos bancos do American Type Collection Clones ou do Image Consortium, ambos dos Estados Unidos. Estão armazenados no laboratório clones gerados pelos diversos projetos de seqüenciamento genético ligados à agricultura e ao meio ambiente. São os casos, por exemplo, dos projetos Genoma *Xylella fastidiosa*, *Xanthomonas citri* (causadora do cancro cítrico), e Cana, o primeiro seqüenciamento de um vegetal realizado no Brasil. O centro abrigará também os clones gerados pelos projetos Genoma *Xanthomonas campestris*, *Leifsonia xyli* e *Chromobacterium violaceum*, além dos próximos projetos de seqüenciamento patrocinados pela Fapesp e por outros órgãos e instituições.

CONSERVAÇÃO DE MATERIAL

O BCCCenter foi criado devido a uma necessidade básica em pesquisa: a conservação do material de estudos. "Precisávamos de um local para armazenar os clones gerados pelas pesquisas na área genômica, sob pena de perdê-los", diz o bioquímico Jesus Aparecido Ferro, do Departamento de Tecnologia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), no câmpus de Jaboticabal. Ferro é um dos coordenadores do Genoma Cana e um dos responsáveis por levar o centro para o câmpus de Jaboticabal. É ele quem coordena o novo laboratório, que, além de estocar, poderá vender, pela Internet, clones para pesquisadores e interessados em estudos genéticos e de biotecnologia.

O BCCCenter é um pequeno prédio de dois andares, com um total de 600 m²,



Arruda, Homero, Perez, Trindade e Ferro: único na América Latina



Fachada do Centro de Estocagem: capacidade para armazenar 1.612.800 clones

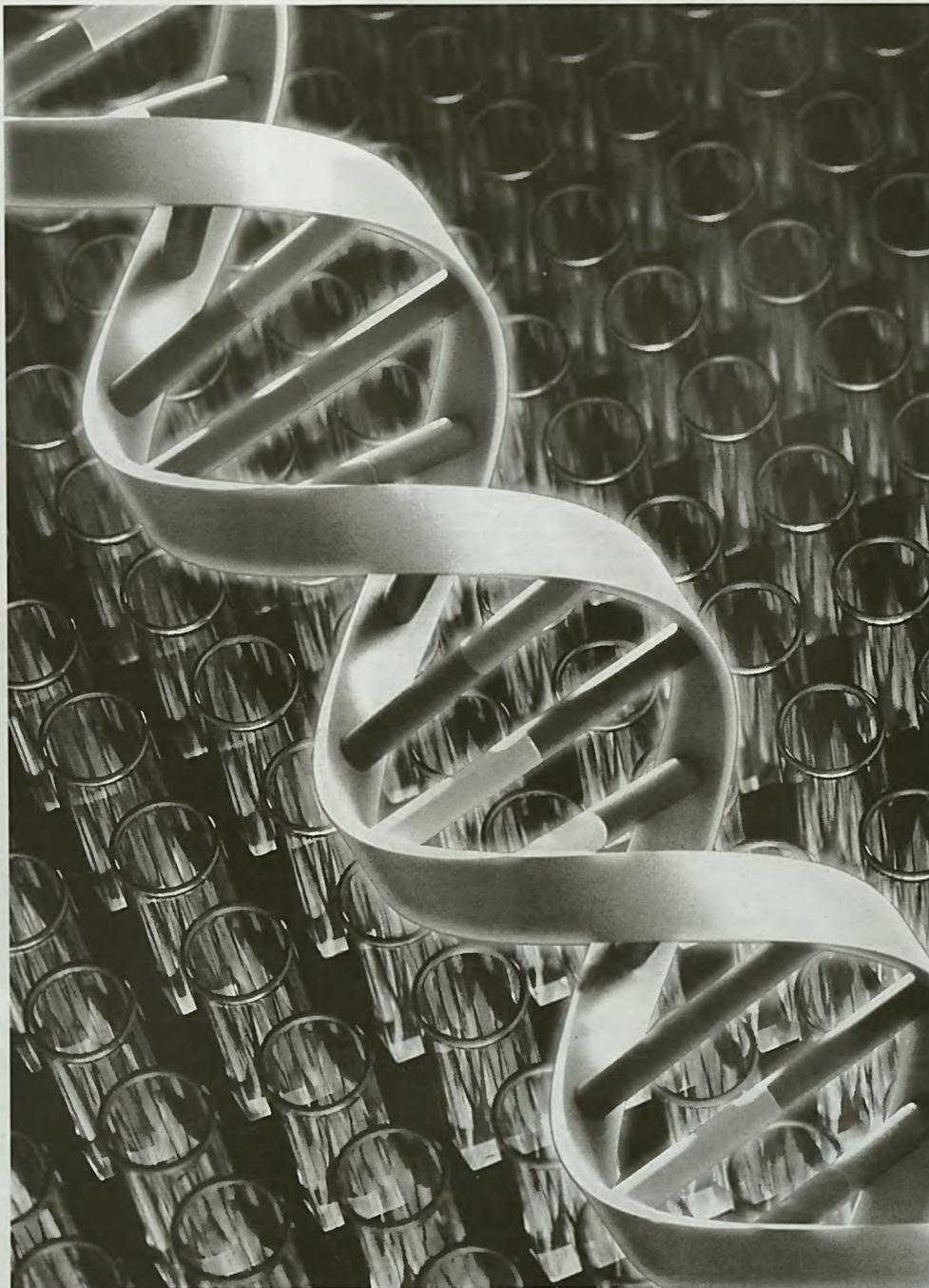
montado ao custo de 600 mil dólares financiados pela Fapesp. No andar térreo, fica o laboratório, com cinco salas. Em uma delas, construída com paredes duplas recheada de isopor e climatizada a 20 °C, estão oito freezers, com capacidade de armazenamento de 1.612.800 clones (atualmente, são 500 mil clones estocados). Cada clone está guardado dentro de uma bactéria, chamada *Escherichia coli*. Os freezers permanecem a uma temperatura de 86 °C negativos. A esta temperatura, as bactérias ficam em estado de dormência e podem viver indefinidamente.

A sala possui sistema gerador próprio, o que evita surpresas desagradáveis, como

cortes abruptos de energia elétrica. Além disso, é provida de um sistema de alarme, garantindo total segurança na manutenção e na preservação dos clones. "A capacidade atual do laboratório pode ser expandida, com a aquisição de novos freezers e com a construção de anexos ao prédio", explica o professor Jesus Ferro.

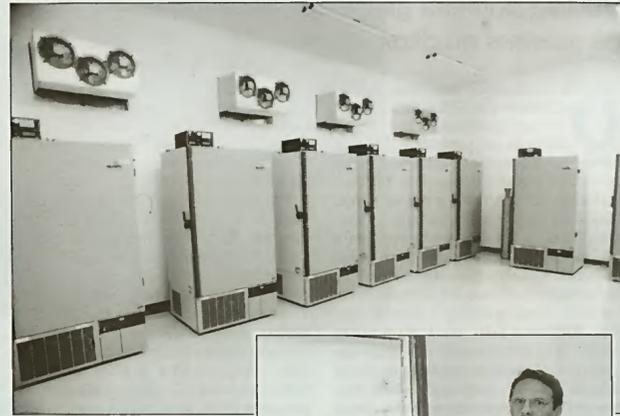
ESCOLHA FACILITADA

O sistema para a aquisição de clones é relativamente simples. Assim que chegar o pedido, a bactéria que contém aquele clone irá para uma outra sala e será colocada ao alcance de um sistema robotizado, dotado de uma câmara de vídeo. O robô coletará as bactérias e as organizará em uma placa, na verdade uma membrana de náilon de 22,5 x 22,5 cm capaz de receber até 27 mil genes diferentes em duplicata. Esta membrana, de alta densidade, é também chamada de *chip* de DNA. Com ela, os pesquisadores podem verificar, por meio

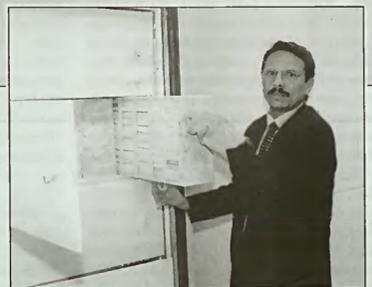


de imagens geradas por computador, as condições em que os genes individuais se expressam. "Assim, podem ser escolhidos os genes ideais para cada estudo", diz Sônia De Mauro, pesquisadora do centro. Ficar, assim, mais fácil para o pesquisador manipular e estudar os genes e sua função, descobrindo, por exemplo, qual deles é responsável por uma determinada doença, abrindo caminho para o desenvolvimento de plantas mais resistentes. Esse mesmo robô pode ser utilizado pelo BCCCenter para prestar serviços à comunidade científica e empresarial na manufatura, por exemplo, de bibliotecas de DNA para projetos de pesquisa ou de seqüenciamento.

Na opinião do pesquisador Paulo Arru-



Sala climatizada (acima) e Ferro: 500 mil clones estocados a 86 °C negativos



da, do Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética da Unicamp e coordenador do Genoma Cana, uma das grandes vantagens do centro é possibilitar a pesquisa física de DNA que contém os genes propriamente ditos, situação considerada ideal pelos pesquisadores. "É um grande salto para a biotecnologia brasileira, que está só no início, podendo gerar uma grande contribuição para a ciência e o setor produtivo nacionais."

Todos os serviços do centro poderão, dentro em breve, ser requisitados pela Internet, na *home-page* <http://www.bcccenter.fcav.unesp.br>, o que significa que o laboratório está aberto à comunidade científica nacional e internacional. Os genes custam de 30 a 50 dólares cada, com o compromisso assinado de que o material só será usado com finalidades acadêmicas, sem fins comerciais. Empresas e instituições privadas de pesquisa deverão receber um tratamento diferenciado, ou seja, um supervisor analisará cada solicitação. Em casos extremos, o pedido poderá ser recusado.

MEDIDAS DE SEGURANÇA

Como medida de segurança, explica o professor Jesus Ferro, vão seguir o requerente apenas o nome do gene e a indicação de homologia (semelhança) do gene solicitado com outros organismos. Segundo Ferro, a seqüência de bases, fundamental aos estudos de manipulação genética, permanecerá confidencial. Vale lembrar que o pagamento pelo serviço também abrange os pesquisadores da UNESP. "O objetivo é que o centro seja auto-sustentável em três anos. Por isso, a gratuidade está descartada também para os nossos pesquisadores."

Autoridades acadêmicas, científicas e políticas estiveram presentes à solenidade de inauguração do BCCCenter. A prefeita de Jaboticabal, Maria Carlota Mielo Rocha, afirmou, na ocasião, que o novo centro justifica o apoio que a UNESP sempre teve e terá do município para seus projetos. O diretor científico da Fapesp, José Fernando Perez, representando o governador Geraldo Alckmin, lembrou que o sucesso do projeto Genoma só surpreende quem não vem acompanhando o progresso das ciências no Brasil. "Este

novo laboratório é um exemplo de investimento público em benefício da sociedade", frisou.

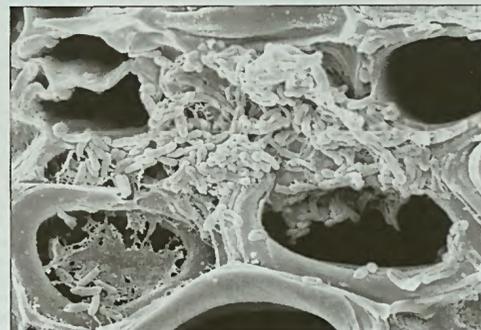
O presidente da Cooperativa dos Produtores de Cana, Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (Copersucar), Homero Correia de Arruda, disse, em nome dos produtores de cana-de-açúcar, sentir-se honrado pela atenção demonstrada pela ciência nacional à área. "Para nós, que produzimos açúcar e álcool, temos laboratórios de pesquisas e ajudamos a financiar o Genoma Cana, é um momento histórico", afirmou. O reitor da UNESP, José Carlos Souza Trindade, ressaltou a importância do envolvimento de diversos setores da sociedade em um mesmo projeto científico. "O resultado de convênios, como o que vemos entre a UNESP, a Fapesp e a Copersucar, está sendo imediato, demonstrando que parcerias deste tipo são o caminho para o Brasil atingir os mais altos patamares da ciência internacional", destacou.

Banco de clones

Todos os organismos vivos são formados por células. Nos núcleos das células estão os cromossomos, feitos de finas cadeias, dispostas em forma de espiral, chamadas de DNA (ácido desoxirribonucleico). O DNA é uma molécula que faz passar, de geração a geração, todos os segredos da vida — é lá que estão as informações básicas do organismo. Os DNAs são formados por quatro bases nucleicas: adenina, citosina, guanina e timina. Dispostas aos pares, essas bases formam os genes, que dão as instruções para se fazerem as proteínas, constituintes do organismo. Para efeito de pesquisa genética, esses genes são reproduzidos várias vezes em determinadas bactérias. Ou seja, são clonados para estudos posteriores. São genes deste tipo, os clonados, que serão armazenados no Brazilian Clone Collection Center, em Jaboticabal.



Sistema robotizado: serviços à comunidade científica e empresarial



A "vilã" *Xylella fastidiosa*: devastação em laranjais paulistas

MÚSICA

Prazer em conhecer

CD traz primeira gravação mundial de mestres eruditos

O objetivo é claro e preciso: divulgar a música erudita por meio de um repertório de obras inéditas, ou pouco conhecidas, de importantes compositores dos últimos 200 anos. O resultado, a um só tempo didático e criativo, não poderia ser melhor. “Com uma seleção inesperada e interessantíssima, *Piano* reúne obras de vários períodos da história e exibe a versatilidade do enorme talento desse músico”, atesta o crítico J. Jota de Moraes. Está-se a falar, aqui, do pianista Attilio Mastrogiovanni, do Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, que acaba de lançar seu terceiro disco, o primeiro no formato CD. “Como professor, tenho a obrigação de oferecer músicas que sejam resultado de um cuidadoso processo de pesquisa”, explica.

Radicado em São Paulo há três décadas, o carioca Mastrogiovanni tem música nas veias. Seu pai, italiano, formado pelo Conservatório de Nápoles, tornou-se flautista da Orquestra Sinfônica Municipal do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. “Estudei piano desde criança e cursei Medicina até o terceiro ano,

quando cheguei a uma encruzilhada”, conta. “Ou me dedicava de vez à universidade ou me aperfeiçoava na Europa. Tranquei a matrícula e cruzei o Atlântico.”

Formado pelo Conservatório Brasileiro de Música, Mastrogiovanni estudou em Roma, em meados dos anos 1960. “Obtive então uma bolsa do Conservatório Tchaikowsky, de Moscou, onde fiquei cinco anos”, lembra. De volta ao Brasil, começou a lecionar e se mudou para São Paulo, em busca de melhor mercado de trabalho. “Em 1980, entrei no IA e as aulas atropelaram os concertos”, conta. Após gravar, nos anos 1970, dois LPs de compositores brasileiros, Mastrogiovanni sentiu a necessidade de retornar ao estúdio. “Estava na hora de oferecer um produto diferenciado.”

ROMANTISMO

Gravado no Stúdio PANaroma de Música Eletro-acústica da UNESP/Faculdade Santa Marcelina, em janeiro de 2000, sob a supervisão do compositor Flô Menezes, também docente do IA, *Piano* foi lançado pela Lua Discos



Mastrogiovanni: de Zipoli a Ginestera, passando por Mendelssohn e Scriabin

Hélio Toth

(R\$ 18,90; informações pelos telefones 0-xx-11-5543-0444), selo de música popular que faz sua estréia no gênero erudito. “Eles endossaram minha proposta de divulgar trabalhos pouco conhecidos e, além desse, temos dois outros projetos em andamento”, adianta o pianista.

O CD *Piano* percorre os exatos 232 anos compreendidos entre 1720 e 1952. As quatro primeiras faixas, compostas para cravo, são de compositores italianos do século XVIII: Pampani, Zipoli, Galuppi e Legati, todos pouco conhecidos. “Trata-se da primeira gravação mundial dessas obras”, explica Mastrogiovanni. As duas faixas seguintes, a Sonata Escocesa, de Mendelssohn, e a Sonata número 1 em Fá Menor, de Scriabin, representam o romantismo. “A

primeira é um exemplo de romântico clássico e contido, enquanto a obra do compositor russo oferece um extravasar de emoções.”

Piano se encerra com a Sonata para Piano número 1, de Alberto Ginestera. “Espécie de Villa-Lobos argentino, ele fundou o Instituto Torcuato di Tella, que influenciou muitos compositores da América do Sul no século XX”, conta Mastrogiovanni. A obra, politonal e dodecafônica, reúne estruturas rítmicas e temas argentinos. “O último movimento foi adotado por Leonard Bernstein, no musical *West Side Story*”, afirma o pianista.



Attilio Mastrogiovanni | Piano

EXTENSÃO

Alforria acadêmica

Núcleo reúne, na Universidade, pesquisas sobre negros



Hélio Toth

Reunião do Nupe: visão multidisciplinar sobre o negro

Não importa se a área estudada é a Medicina ou a Sociologia, a Antropologia ou a Educação Física. A condição básica para que um pesquisador se filie ao Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (Nupe) é que sua linha de investigação privilegie, de alguma forma, a questão do negro no Brasil. Inserido no Programa de Integração Social da Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex), o núcleo está aberto, inclusive, a pesquisadores de outras instituições acadêmicas e também a alunos. Além da circulação de dados, do intercâmbio com outras universidades e do levantamento da produção científica da UNESP, nesta área, as reuniões do Nupe são sempre pautadas por temas abrangentes, como a pluralidade cultural brasileira, o neoliberalismo e a questão racial.

Embora pensado já há algum tempo, somente em dezembro de 2000 o órgão foi oficialmente instituído, com apoio da Proex. A coordenação geral do Nupe é da filósofa Gislene Aparecida dos Santos, do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências

e Tecnologia da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, que pesquisa a imagem da África no pensamento renascentista. “Pretenho verificar como foi elaborado o pensamento sobre os negros e os africanos em geral, a partir de algumas teorias filosóficas.”

Até agora, foram instituídos cinco grupos de trabalho, formados por professores e estudantes dos câmpus de Araraquara, Bauru, Franca, Presidente Prudente e Marília. “Com o núcleo, vamos rearticular as pesquisas sobre o negro na Universidade, a partir de uma visão multidisciplinar”, diz a socióloga Maria Valéria Veríssimo Barbosa, de Marília, vice-coordenadora do Nupe, que pesquisa a identidade do negro na sociedade brasileira.

Entre os projetos do núcleo para 2001, estão a pluralidade cultural nas escolas públicas paulistas, a revisão da produção teórica sobre a problemática negra na sociedade brasileira e a publicação da revista *Ethnos Brasil*. “A revista está quase pronta, e deve sair nos próximos meses”, informa Gislene. Eventuais candidados à filiação no Nupe devem escrever para os e-mails vilm@reitoria.unesp.br ou gislene@stetnet.com.br

PRÊMIOS



Hélio Toth

Emanuela e Maria Toledo: política educacional

Vitória tríplice

Trabalho sobre bibliotecas vence certame

Pesquisas e ações na esfera da informação que contribuíram para o desenvolvimento do Estado de São Paulo, no ano de 2000, foram agraciadas, em 12 de março último, Dia do Bibliotecário, nas diversas categorias do Prêmio Biblioteconomia Paulista “Laura Russo”. A UNESP obteve uma tríplice vitória na festiva noite de entrega da láurea, realizada no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo. Organizado pelo Conselho Regional de Biblioteconomia, 8ª Região, Seção São Paulo, o evento premiou as biblioteconomistas Emanuela Fernandes Arantes,

formada pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, e Maria Toledo Costa de Barros, docente do Departamento de Ciência da Informação da mesma unidade. Emanuela e Maria Toledo foram laureadas, respectivamente, como autora e orientadora do melhor trabalho de conclusão de curso do ano passado, intitulado *A Biblioteca Escola Frente à Política Educacional no Estado de São Paulo (1991 a 1999)*. Maria Toledo foi duplamente laureada, pois recebeu ainda um segundo prêmio, pela sua contribuição à ciência da informação na área de bibliotecas escolares. “Não esperava essa homenagem, que ocorre justamente num momento em que as autoridades federais estudam maneiras de reorganizar e fortalecer as bibliotecas do País”, afirma.



PERFIL

A melhor do País

Egressa do curso de Odontologia da UNESP é a primeira colocada no Provão



Marilaine (primeira, à direita), com o Ministro Paulo Renato Souza, em Brasília: a primeira, em sua área, entre mais de 8 mil concorrentes

Durante quatro anos, de 1997 a 2000, a dentista recém-formada Marilaine Floriano Corrêa levou uma vida de sacrifícios. Deixou de lado as horas de lazer, dispensou namorados, restringiu passeios e dedicou pouco tempo à família – os pais e um irmão. Foi o período em que ela cursou Odontologia, na Faculdade de Odontologia (FO) da UNESP, câmpus de São José dos Campos. Foi uma fase difícil, sem dúvida, mas da qual ela não se arrepende. Afinal, a recompensa por tamanha dedicação não se fez esperar: Marilaine foi a primeira colocada, entre mais de 8 mil alunos de Odontologia de todo o Brasil, que realizaram o último Provão – Exame Nacional de Cursos. Como prêmio, ela e os outros 17 estudantes que tiraram as melhores notas dos outros cursos ganharam bolsas de mestrado da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes.

Foi um belo presente de aniversário para essa mineira de Itajubá, que completou 25 anos no último dia 20 de março, um dia depois de ter sido recebida em Brasília, junto com outros vencedores, pelo ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Além de ter lhe rendido a bolsa da Capes, a colocação no Provão deve abrir muitas portas para a jovem dentista. A primeira já se escancarou. “Há cerca de dois meses, vim para São Paulo e logo arrumei emprego, num pronto-socorro odontológico, que funciona 24 horas por dia”, conta Marilaine. “Sem dúvida, minhas notas durante o curso e o fato de ter tirado o primeiro lugar no Provão foram muito importantes para conseguir esse emprego.”

No momento, Marilaine decide se faz o mestrado, usufruindo da bolsa que ganhou da Capes, ou se dá um tempo, suficiente para ganhar algum dinheiro trabalhando. “Como a bolsa é válida por dois anos, ainda estou em dúvida”, justifica. “Vou pensar

um pouco mais, antes de tomar uma decisão.” No emprego, trabalhando três dias por semana, ela ganha cerca de R\$ 1.200,00 por mês. Com a bolsa, receberá R\$ 700,00 por mês, durante dois anos.

PRIMEIRA DA CLASSE

Embora se considere inteligente, Marilaine atribui seu desempenho, na FO e no Provão, sobretudo a seu esforço. “Sempre gostei de estudar”, garante. “Como resultado de minha dedicação, sempre fui uma das primeiras da classe, tanto no 1º como no 2º grau.” Embora itajubense, Marilaine foi criada na vizinha Paraisópolis, onde completou esses dois ciclos. “Depois de terminar o primeiro grau, minha mãe queria que eu fizesse magistério”, lembra a dentista. “Mas me rebeli. Só fiquei duas semanas no curso e o troquei pelo de Técnico em Contabilidade.”

Entre os fatores que contribuíram para

seu sucesso no Provão, além da dedicação, Marilaine destaca a excelência do curso da UNESP, onde se formou. “Adoro aquela faculdade”, derrama-se. “Para mim, é a melhor faculdade de odontologia do Brasil. A infra-estrutura, o material didático e o método de ensino são impecáveis.” A jovem dentista também elogia o corpo docente da FO. “A dedicação dos professores é fantástica”, diz. “Eles estão sempre à disposição dos alunos, mesmo fora do horário letivo. Mas também cobram muito, o que é ótimo, pois estimula o aluno a estudar.” Marilaine também cita as pesquisas que os estudantes têm de fazer, ao longo do curso, como mais um aspecto positivo da escola. “Realizei dois trabalhos de iniciação científica”, conta. “E, com um deles, consegui o primeiro lugar num fórum científico do Congresso de Ex-Alunos (Ceato), realizado anualmente na FO de São José dos Campos.”

Evanildo da Silveira

CONCURSO

Da prancheta para a Volks

Alunos vencem duas últimas edições de certame promovido pela empresa

Os alunos do curso de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da UNESP, câmpus de Bauru, vêm dando um show nas duas últimas edições do Concurso Volkswagen Design, destinado a quartanistas da área de todo o Brasil. Na edição do ano 2000, Hélio Felix Maciel de Queiroz, 22 anos, da Faac, foi um dos três vencedores e recebeu um estágio, remunerado, de um ano no estúdio de design da montadora, em São Bernardo do Campo, Grande São Paulo. “O desenho sempre foi minha atividade favorita”, conta Queiroz, que segue o mesmo caminho de Alexandre Shizou Sakai, 29 anos, Fábio Luis Heringer, Rodrigo Egberto Galdino, ambos com 24 anos, todos da mesma Faac, vencedores do concurso em 1999.

Para o arquiteto Claudio Roberto y Goya, chefe do Departamento de Desenho Industrial da Faac, o bom desempenho dos alunos no concurso deve-se a dois fatores. “Somos o único curso público do Estado de São Paulo em design, e isso faz com que concentremos os melhores alunos. Além disso, nosso curso oferece uma formação coerente com o mercado, na área de automóveis e na de design de móveis”, diz.

PICK-UP

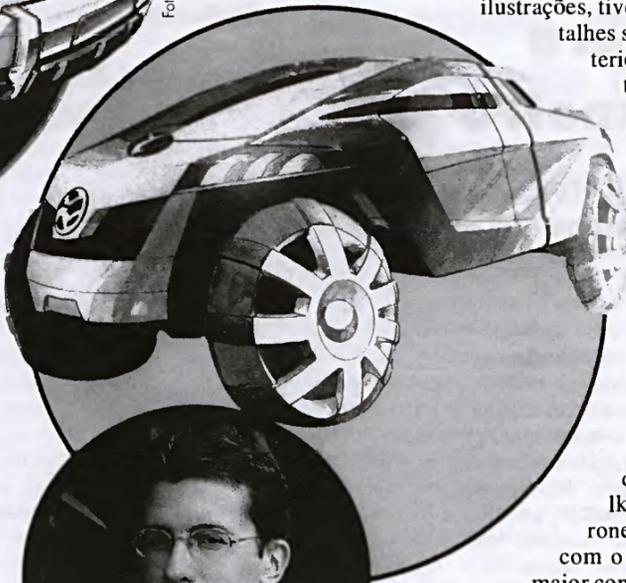
A Volkswagen escolheu como tema do concurso do ano passado o projeto de



Fotos reprodução



Queiroz: um ano de estágio remunerado



Heringer: traço amadurecido

uma pick-up de uma tonelada. Na primeira fase, encerrada em abril de 2000, concorreram 81 trabalhos, sendo que, entre os dez classificados para a fase final, além do vencedor, outros três eram da Faac: Alberto Hayashi, 20 anos, e Arthur Henrique Martins Júnior e César Muniz, ambos de 21 anos. “Após apresentar uma descrição técnica do projeto, detalhando suspensão, motorização, plataforma, configurações de carroceria e ilustrações, tivemos que dar mais detalhes sobre o interior e o exterior do veículo e construir uma maquete em escala 1:4”, conta Queiroz.

O resultado foi divulgado no Salão Internacional do Automóvel, em São Paulo, em outubro último. “Foram avaliados o conceito, a qualidade e a identidade do projeto com a nossa marca”, diz o gerente de Design da Volkswagen, Gérson Barone. “Os três vencedores, com o estágio, passam a ter maior contato com a fábrica e os diversos setores da empresa”. Para os alunos, a oportunidade do estágio é avaliada como “um sonho de ouro”: “Durante esse período, desenvolvi meu traço, amadureci minha visão de design e aumentei meus conhecimentos sobre softwares”, garante Heringer, vencedor do concurso em 1999.

Em *O cânone mínimo*, autora explica o conceito *Bildungsroman*, ou romance de formação

ALEJANDRO FABIAN

À primeira vista, o termo *Bildungsroman*, originário do alemão *Bildung*, formação, e *roman*, romance, assusta. Não basta, porém, juntar as duas palavras para se obter o significado dessa expressão, muito utilizada na teoria literária alemã para classificar obras que correspondem a essa vertente associadas às circunstâncias históricas, culturais e literárias dos últimos 30 anos do século XVIII.

Em *O cânone mínimo – O Bildungsroman na história da literatura*, Wilma Patricia Maas, professora de Literatura Alemã na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, verifica que o *Bildungsroman* é muito mais do que um romance que conta a formação de um jovem. Ele está associado a um determinado momento histórico, em que a burguesia ascende ao poder.

A autora começa por discorrer sobre a criação do termo, pelo professor de Filologia Clássica Karl Morgenstern, em 1810, e segue até a possibilidade de se conceber uma adaptação do conceito alemão para romances brasileiros de escrita feminina e feminista, como *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, ou de formação proletária, como *Jubiabá*, de Jorge Amado. Boa parte do estudo recai sobre o principal paradigma alemão do gênero, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-6), de Goethe, que conta a história de um rapaz em busca de ascensão social. Wilma consegue, nesse percurso, analisar o livro e o gênero *Bildungsroman* não somente como uma manifestação artística, mas realizando elos histórico-discursivos com a época de sua produção.

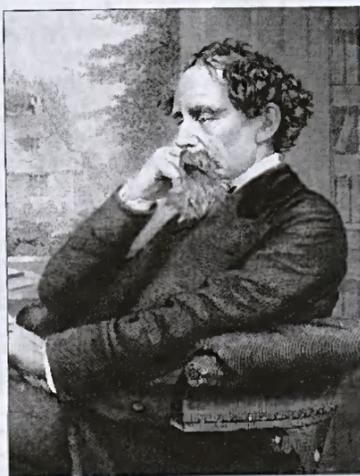
A autora cruza dados da teoria e da histó-



O jovem Goethe, autor do paradigmático *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*: ascensão social



Mann (acima) e Dickens: conceito mutável



ria da literatura para explicar por que o termo *Bildungsroman* recebe tantas interpretações. Mostra, por exemplo, como é retomado por Thomas Mann, em *Felix Krull*, e Günter Grass, em *O Tambor*. Se *Os Anos de Aprendizado...* surge num momento histó-

co bem determinado, em que a cultura burguesa defende a idéia de uma formação universal, o conceito de *Bildungsroman*, visto por uma ótica mais abrangente, engloba livros tão diferentes como *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *Amar Verbo Intransitivo*, de Mário de Andrade.

A grande contribuição do estudo de Wilma está em explicar por que o *Bildungsroman* não é um conceito cristalizado, mas mutável, utilizado para obras de autores tão díspares como Goethe, Mann e Grass, Charlotte Brontë, Dickens, Somerset Maugham e Romain Rolland, que têm, como principal ponto comum, contar a formação, intelectual e vivencial, de um jovem em sua integração ao mundo adulto.

Wilma Patricia Maas
O cânone mínimo
O *Bildungsroman*
na história da literatura



O cânone mínimo – O Bildungsroman na história da literatura, de Wilma Patricia Maas. Editora UNESP; 274 páginas; R\$ 25,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

Goethe na Campagna romana - Tischbein, 1786

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

MEGALANÇAMENTO

É livro para mais de metro

Laboratório Editorial lança onze volumes em seis coleções

O Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, a Editora Cultura Acadêmica e o Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura e Desenvolvimento (GEICD) da FCL lançaram, em dezembro último, na Livraria da UNESP, em São Paulo, onze livros de seis coleções nas áreas de Sociologia, Ciências Sociais, Pedagogia, Economia, Administração Pública e Letras, todos de autores ligados à FCL. Entre eles, a obra *Pesquisa de gênero: entre o público e o privado* (242 págs.; R\$ 10,00), de Lucila Scavone e Luís Eduardo Batista (org.), da Coleção Temas, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da FCL. "O Laboratório Editorial objetiva criar condições e oportunidades



para a difusão de pesquisas na Faculdade", afirma José Antonio Segatto, diretor da FCL.

Da Coleção Cultura e Desenvolvimento, vinculada ao GEICD, foram lançados *O liberalismo demiurgo: estudos sobre a reforma educacional projetada nos Pareceres de Rui Barbosa* (194 págs.; R\$15,00), de Vera Teresa Valdermarin, e *Entre o texto e o contexto: análise comparativa*



Segatto: mais livros e periódicos qualificados

das leis de diretrizes e bases da educação da Espanha (1990) e do Brasil (1996) (350 págs.; R\$18,00), de Angela Viana Machado Fernandes.

MITO E PARÓDIA

A FCL mantém ainda quatro coleções, cujos títulos são todos vendidos a R\$ 10,00. A de Ciências Sociais foi enriquecida com dois títulos: *Mito e Paródia: entre a narrativa*

e o argumento (152 págs.), de Raul Fiker, e *A morte dos coronéis* (158 págs.), de Maria Teresa Miceli Kerbauy, enquanto *A História no Centro do Debate: as propostas de renovação do ensino de História nas décadas de setenta e oitenta* (236 págs.), de Jaime Francisco P. Cordeiro, e *O Discurso de Vulgarização da Linguística no Aparelho Escolar* (148 págs.), de Cássia Regina Coutinho Sossolote, foram lançados na Coleção Pedagogia.

A Coleção Economia e Administração Pública contou com os lançamentos *Política Econômica Brasileira (1946-1951)* (224 págs.), de Fausto Saretta, e *Federalismo Fiscal e Descentralização de Políticas Públicas no Brasil* (274 págs.), de José Murari Bovo; e a Coleção Letras ganhou igual número de títulos, *Filigranas do Discurso: as vozes da história* (232 págs.), organizado por Maria do Rosario V. Gregolin, e *Um Poeta na Medida do Impossível: trajetória de Torquato Neto* (118 págs.), de Laura Beatriz Fonseca de Almeida. "Queremos criar uma estrutura capaz de aumentar o número de livros publicados e qualificar as revistas e periódicos da FCL", resume Segatto. Informações sobre esses e outros lançamentos do Laboratório Editorial da FCL, pelo telefone (0xx16) 232-0444, ramal 134 ou pelo e-mail extensao@fclar.unesp.br



O cidadão que despertava consciências

Reunindo 38 textos, *Pedagogia da Libertação* inaugura "Série Paulo Freire", sobre o combativo educador brasileiro

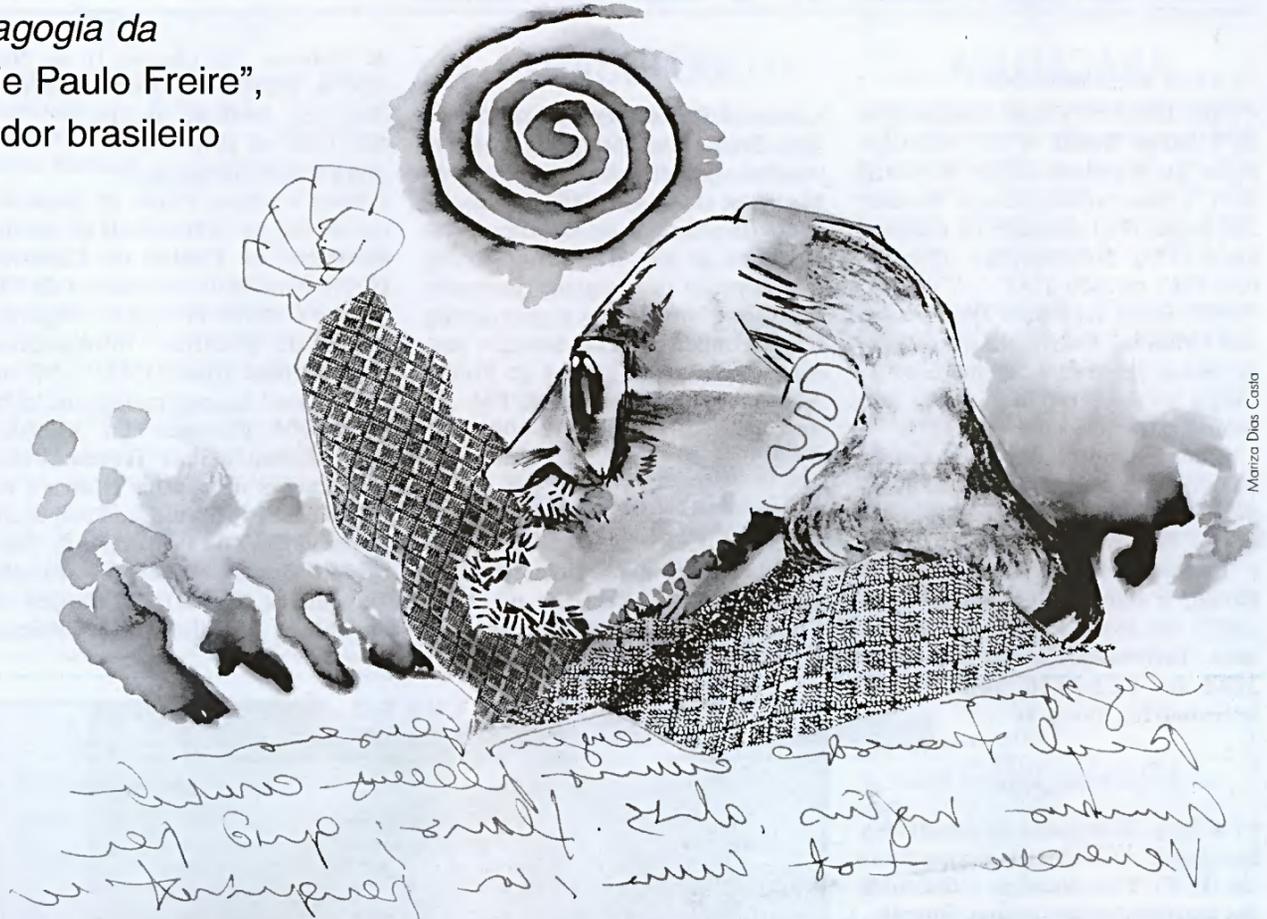
OSCAR D'AMBROSIO

Paulo Freire é muito mais do que um educador. Tornou-se um ícone dos elos possíveis entre a alfabetização e o despertar da consciência política e social. Isso se deu não só pela escritura de livros clássicos, como *Pedagogia do Oprimido* (1970), mas também pelas suas viagens por todo o mundo, divulgando seu método de ensino, baseado na premissa de que saber ler e escrever, muito mais do que assinar o nome, significa inserir-se na sociedade como um ser crítico.

No ano passado, a Editora UNESP lançou *Pedagogia da Indignação*, obra inacabada do pedagogo. A excelente repercussão levou à criação da "Série Paulo Freire", organizada pela viúva do autor, a educadora Ana Maria Freire, com o objetivo de divulgar o pensamento teórico e a prática do pedagogo brasileiro mais conhecido no Exterior.

A *Pedagogia da Libertação em Paulo Freire* inaugura a série, reunindo 38 textos apresentados em conferências, congressos, simpósios, seminários e fóruns realizados no Brasil, Argentina, EUA, Alemanha, Bélgica, Espanha, Noruega e Suíça. O ponto em comum é a importância dada, em todo o mundo, ao pensamento de Freire como o defensor de uma pedagogia que liberte o homem das amarras sociais e o conduza à cidadania.

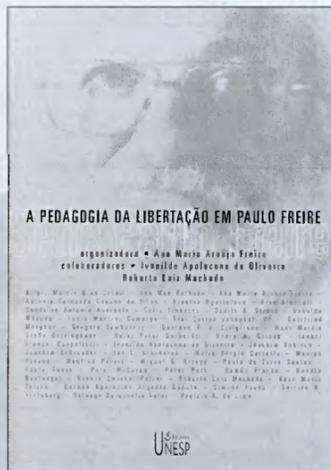
Os textos mostram como e por que o advogado e professor de Português Paulo Freire, falecido em 1997, aos 76 anos, ganhou destaque nacional ao elaborar, em 1961, um método audiovisual de alfabetização cujo diferencial era partir de um vocabulário mínimo para discutir a inserção do indivíduo em seu meio. Ao assumir, em 1963, o posto de diretor do Plano Nacional de Educação, pretendia atingir 16 milhões de adultos com o método. Com a deposição do presidente João Goulart, no



Manoel Dias Costa

entanto, exilou-se no Chile e, posteriormente, realizou cursos e conferências, a convite da Unesco e de universidades norte-americanas e européias, em diversos países. O esforço lhe valeu a outorga de 35 títulos de doutor *honoris causa* por instituições de ensino que viram em Freire um arauto de uma sociedade mais justa, baseada no domínio da linguagem.

Enriquecido por um levantamento bibliográfico de e sobre Paulo Freire e ainda pelos discursos da aula inaugural da Cátedra Paulo Freire no segundo semestre de 1998, na PUC/SP, a obra propicia excelente oportunidade para que se conheça a pedagogia da libertação ou se aprofunde no pensamento de um cidadão do mundo que dedicou a vida ao ideal de transformar pessoas em cidadãos.



A pedagogia da Libertação em Paulo Freire, de Ana Maria Araújo Freire (organizadora). Editora UNESP; 336 páginas; R\$ 28,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

EDUCAÇÃO

Muita vaga, pouco ensino

Atualmente, cerca de 96% das crianças de 7 a 14 anos encontram vagas para se matricular nas escolas de ensino fundamental, mas os alunos das escolas públicas, segundo dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), cada vez aprendem menos. Para discutir essa e outras contradições, este livro é dividido em duas partes. Na primeira, o educador João Monlevade, da Universidade Federal do Mato Grosso, descreve os mandos e desmandos internos da educação brasileira. Na segunda, a educadora Maria Abádia da Silva, professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, revela a influência do Banco Mundial nos rumos das políticas públicas de educação do Brasil nos últimos 50 anos. "As políticas para a educação pública estão sendo formuladas com a predominância dos interesses dos gestores do Banco Mundial", afirma Maria Abádia. "Entidades sindicais e organizações não-governamentais são importantes manifestações de resistência."

Quem manda na educação no Brasil?, de João A. Monlevade e Maria Abádia da Silva. Idéa Editora; 136 páginas; R\$ 10,00. Informações pelo telefone (0xx19) 233-5958.

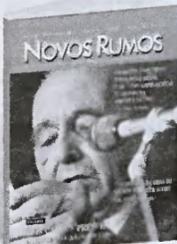


CIÊNCIAS SOCIAIS

Música e política, passadas em revista

Dedicada à análise de temas políticos, econômicos e culturais contemporâneos, o número 33 desta revista traz artigos do cientista político Paulo Ribeiro da Cunha, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, e da socióloga Marcia Dias, pesquisadora do Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP, sediado em São Paulo. Cunha publica o ensaio "Uma leitura da obra de Nelson Wemeck Sodré", em que estuda a construção do pensamento político do filósofo brasileiro. "Como militante e como intelectual, a atuação de Sodré é um reflexo da linha política do PCB no pós-64", afirma o articulista. Em "Tempo de Cultura Mundializada: indústria fonográfica ameaçada", Marcia estuda como CDs ou músicas isoladas, "baixadas" da internet e armazenadas na memória do computador ou gravados em CDs virgens, perturbam as vendas legais de discos pela rede. "Se as grandes companhias fonográficas não protegerem suas obras e garantirem os seus direitos e os do autor, seu poder será seriamente ameaçado", conclui.

Revista Novos Rumos - Instituto Astrojildo Pereira; número 33; 56 páginas; R\$ 10,00 (exemplar avulso) e R\$ 30,00 (assinatura anual, quatro edições). Informações: Caixa Postal 20385, CEP 04041-990, São Paulo - SP; pelo e-mail novosrumos@mhd.org; ou pelos telefones (0xx11) 221-1011, 256-0264 ou 816-6096.

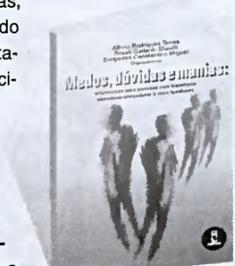


PSIQUIATRIA

Obsessão, mania? Informação nelas!

Informação é essencial para enfrentar qualquer tipo de doença, principalmente aquelas pouco conhecidas, como o transtorno obsessivo-compulsivo (Toc), que atinge 2% a 3% da população mundial, e se caracteriza por obsessões e compulsões estranhas, sem sentido ou mesmo ridículas, como lavar as mãos diversas vezes ou executar rituais antes de sair de casa. A psiquiatra Albina Rodrigues Torres, do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, e seus colegas Roseli Gedanke Shavitt e Eurípedes Constantino Miguel, do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, estudam medos exagerados, dúvidas sem fim, pensamentos ruins e manias, identificando as possíveis causas do problema e princípios gerais de tratamento. "A obra é indicada para pacientes, familiares, médicos, psicoterapeutas, enfermeiros e estudantes da área de saúde mental", diz Albina.

Medos, dúvidas e manias: orientações para pessoas com transtorno obsessivo-compulsivo e seus familiares, de Albina Rodrigues Torres, Roseli Gedanke Shavitt e Eurípedes Constantino Miguel. Artmed Editora; 120 páginas; R\$ 22,00. Informações: (0xx51) 330-3444 ou (0xx11) 3083-6160.



AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NOS MESES DE ABRIL E MAIO

ARAÇATUBA

- 2/04. Início do Curso **Diagnóstico de Câncer Bucal**, a ser realizado todas as segundas-feiras de abril/2001 a março/2002. Carga horária: 360 horas. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx18) 620-3245 ou 620-3247.
- 6/04. Início do Curso **Dor Orofacial Crônica**, a ser realizado às sextas-feiras, de abril a setembro/2001. Carga horária: 180 horas. Na FO. Informações: (0xx18) 620-3275.
- 19/04. Último dia de inscrições de trabalhos para a 21ª **Jornada Acadêmica** de Araçatuba e o 3º Simpósio de Pós-Graduação em **Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial**, a serem realizados de 24 a 26/05. No Hotel Rivera, em Araçatuba. Informações: (0xx18) 620-3242 ou 622-2136 pelo e-mail jornada@foa.unesp.br

ARARAQUARA

- 2 a 7/04. **II Semana da Saúde**. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Para docentes e discentes das instituições de ensino superior, profissionais da área de saúde e demais interessados. Informações: (0xx16) 201-6544.
- 6/04 a 20/07. Curso de Extensão Universitária **Introdução às Ciências dos Materiais**. No Instituto de Química. Informações: (0xx16) 201-6685.
- 7 a 11/05. **III Semana de Assistência Farmacêutica Estudantil – SAFE**. No Parque Infantil, Rua São Bento, Araraquara. Informações: (0xx16) 222-8537, 3334-2108 e 237-4094.

BAURU

- 2 a 25/04. Período de inscrição para o curso de capacitação em **Educação Especial e Inclusiva para professores de Ensino Fundamental**, a ser realizado, de 27/04 a 6/10, em aulas quinzenais. Carga horária: 210 horas. No Centro de Psicologia Aplicada, na Faculdade de Ciências (FC). Informações: (0xx14) 230-0562 ou 221-6090/1.
- 9 a 20/04. Período de inscrições para o curso de especialização em **Telecomunicações**, a ser realizado a partir de 4/05. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações pelo telefone (0xx14) 221-6115, pelo fax (0xx14) 221-6116, no Departamento de Engenharia Elétrica, pelo e-mail telecom@bauru.unesp.br ou pelo endereço eletrônico www.bauru.unesp.br/acontece/telecom.html



BOTUCATU

- 16 a 21/04. **Semana Nacional da Voz**. Promoção: Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP e Sociedades Brasileiras de Otorrinolaringologia e de Voz. Haverá Postos de Atendimento para atender pacientes com distúrbios da voz e para alertar sobre a importância da detecção precoce do câncer de laringe no Pronto Atendimento do Hospital da FM. Informações: (0xx14) 6802-6081.

JABOTICABAL

- 6 e 7/04. Curso de **Medicina Veterinária Legal e Medicina Veterinária Forense (Perícias na Área Cível)**. No Centro de Convenções

de Didática. No câmpus II, no Núcleo de Ciência e Cultura. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br

- Abril a junho. Curso de extensão universitária. **Alternativas metodológicas no Ensino de Ciências II**. No câmpus II, no Núcleo de Ciência e Cultura. Promoção: Departamento de Didática. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br
- 6 a 7/04. Encontro com **Abordagens Terapêuticas Humanistas: implicações na prática clínica e na formação profissional**. Promoção: Departamento de Psicologia da Educação e Grupo de Apoio à Formação Terapêutica (Gafter). No câmpus da Faculdade de Filosofia e Ciências

para o curso de extensão **Introdução à Filosofia – Os grandes paradigmas da Filosofia: uma interpretação neopragmática**, a ser realizado de 2/05 a 2/07. Curso totalmente virtual. Promoção: Departamento de Administração e Supervisão Escolar. Informações nos sites www.marilia.unesp.br/divulgacoes/cursofil/index.htm ou www.filosofia.pro.br

- 11, 18 e 25/04 e 4/05. Minicurso **Ética e Poder no Capitalismo Global**. Promoção: Departamento de Sociologia e Antropologia. No Anfiteatro I. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br
- 16 a 27/04. Curso de extensão universitária **Teoria e Antropologia**. Promoção: Departamento de Sociologia e Antropologia. Na sala 47 do Prédio de Atividades Didáticas. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br
- 17/04. Mesa redonda **A Luta pela Terra e a Questão Ambiental**. Promoção: Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e CEPEA. No Anfiteatro I. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br
- 23/04 a 18/06. Curso de extensão universitária **O Ensino de Matemática na Educação Infantil: Elementos a Considerar**. Promoção: Departamento de Didática. No câmpus I. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br
- 24/04 a 3/07. Curso de extensão universitária **Temas de Psicologia Infantil I**. Promoção do Departamento de Didática. No câmpus I. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br



CURSO

Hélcio Toth

Reversão sexual: sem riscos

O sexo das tilápias

Técnica transforma peixes fêmeas em machos

O riginária da África e do Oriente Médio, a tilápia, peixe geralmente consumido nos restaurantes sob o nome de *saint-pierre*, é uma espécie muito cultivada em cativeiro devido à sua capacidade de reprodução e adaptação a diversas condições ambientais. Nos últimos anos, uma das técnicas mais utilizadas para aumentar sua produtividade é a reversão sexual – ou seja, a transformação de fêmeas em machos, já que estes últimos pesam até quatro vezes mais e chegam à idade do abate em seis meses, metade do tempo de uma fêmea. O tema, de grande importância para a piscicultura, é objeto do curso “Técnicas de Reversão Sexual de Tilápias”, a ser realizado em 16 de abril, no câmpus de Jaboticabal, na sala 31 da Central de Aulas “Dr. Marcos A. Giannoni”, da Faculdade de Ciências

Agrárias e Veterinárias (FCAV), e no Centro de Aquicultura da UNESP (Caunesp), unidade complementar da Universidade. “O objetivo é divulgar essa técnica entre produtores, profissionais e estudantes”, explica a coordenadora do curso, zootecnista Teresa Cristina Ribeiro Dias Kobertein, do Caunesp.

O evento inclui a formulação de rações para a reversão sexual de tilápias, além de visitas ao setor de reversão sexual do Caunesp. “Após cada desova, que pode chegar a 500 ovos, administram-se hormônios masculinos misturados à ração durante 30 dias. Ocorre assim a reversão”, diz Teresa. “A técnica é eficaz e não oferece riscos à saúde humana, pois o hormônio não deixa resíduos no peixe”, complementa. Informações e inscrições: (0xx16) 3203-1322, ramais 202, 219 e 230, na Funep, no Setor de Eventos.

“Dr. Ivaldo Melito”, na FCAV. Informações: (0xx16) 3203-1322, ramal 202, 219 ou 230, na Funep, Setor de Eventos.

- 4 a 8/05. Curso de Extensão Universitária **Introdução à Biologia Marinha**. Coordenação de Marcelo Pinheiro, do Departamento de Biologia Aplicada da Faculdade Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (0xx16) 3209-2698 e 3209-2898, no Funep, com Luciana.

MARÍLIA

- Abril a junho. Curso de extensão universitária **Conservação da Matéria**. Promoção do Departamento

(FFC). Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br

- 9 e 10/04. Ciclo **Questão Agrária**. Realização das mesas “Lutas Camponesas no Brasil: a Revolução na Ordem do Dia”, no dia 9, e “A Questão Agrária e a Virada do Milênio: uma Reflexão Contemporânea”, no dia 10. Promoção: Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e Grupo de Pesquisa “Cultura e Política no Mundo do Trabalho”. Das 19h30 às 23h. No Anfiteatro I da FFC. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelos e-mails dcpe@marilia.unesp.br ou saepe@marilia.unesp.br
- 10/04 a 10/05. Período de inscrição



ZILBERMAN

- 7 a 8/05. **A Comuna de Paris**. Promoção: Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e Grupo de Pesquisa “Cultura e Política no Mundo do Trabalho”. Apoio: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br
- 15 a 17/05. Seminário **Lima Barreto (1881-1922): sua vida, sua obra e seu tempo**. Promoção do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas, Departamento de Sociologia e Antropologia, PET Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. No Anfiteatro I. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo

e-mail saepe@marilia.unesp.br
 • 23 a 25/05. Pós-Graduação e Pesquisa em Educação na Região Sudeste: perfil e perspectivas. Programas de Pós-Graduação em Educação a Região Sudeste. No Sun Valley Park Hotel, em Marília. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br



• 23 a 25/05. 1 Seminário do Trabalho: perspectivas do trabalho no século XXI. Promoção: Departamento de Sociologia e Antropologia. No câmpus 1. Informações pelo telefone (0xx14) 421-1295 ou pelo e-mail saepe@marilia.unesp.br

PRES. PRUDENTE

- 16 a 23/04. **Semana do Índio**, com o tema "O Ceemaarq e a Questão Indígena". Exposição no Shopping Center Americanas. Das 10h às 22h. Informações: (0xx18) 229-5388.
- 26/04 a 4/05. Exposição Temática **Maurício Tratemberg: A Trajetória de um Militante Indiviso**. Organização: Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical "Florestan Fernandes" (Cemosi). Na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 229-5307.
- 28 a 31/05. **Semana da Estatística**. Minicursos, palestras, conferências e sessão de comunicações. Realização: Curso de Estatística do Departamento de Matemática. Informações: (0xx18) 229-5385, com Heraldo ou Cátia, ou pelo e-mail depmat@prudente.unesp.br
- 3/05. Último dia para inscrição no curso de especialização *Lato Sensu* em **Gestão Educacional**, a ser realizado em 2001 e 2002. Carga horária: 480 horas. Na FCT. Informações: (0xx18) 229-5367, com Flávia ou Simone.
- 3/05. Último dia para inscrição no curso de especialização *Lato Sensu* em **Ensino do Texto: Teoria e Prática na Sala de Aula**, a ser realizado em 2001 e 2002. Carga horária: 480 horas. Na FCT. Informações: (0xx18) 229-5367, com Flávia ou Simone.
- 3 a 4/05. **Semana da Engenharia Cartográfica** e VIII Sagec – Seminário de Avaliação da Graduação em **Engenharia Cartográfica**. No Anfiteatro 11. Informações: (0xx18) 229-5388.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
 – edição junho, 15/05

• 21/05 a 26/05. Exposição Temática **130 Anos da Comuna de Paris**. Organização: Cemosi. Na FCT. Informações: (0xx18) 229-5307.

RIO CLARO

- 28/04 a 1º/05. **II Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e VIII Simpósio Paulista de Educação Física**. Participação de Ross Sanders (Universidade de Edinburgo, Escócia) e Adrian Lces (Universidade John Moores, Liverpool, Inglaterra), entre outros. Informações: (0xx19) 525-4160, no Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências (IB).
- 30/04. Último dia para o envio de artigos científicos para a publicação *Holos Environment*, voltada à área de meio ambiente. Informações: (0xx19) 534-0122 ou pelo e-mail holos@rc.unesp.br, no Centro de Estudos Ambientais.

Centro Cultural Banco do Brasil, Rua 1º de Março, 66, telefone (0xx21) 3808-2500. Informações: (0xx11) 232-9555 ou 232-7171, na Escola do Livro.

S. J. DO RIO PRETO

- 19/04. **3º Seminário do Nordeste Paulista – Qualidade na Indústria de Alimentos**. No Instituto de Biociências, Letras e Ciências Humanas (Ibilce). Informações: (0xx17) 221-2266, com Ana Lúcia ou (0xx17) 221-2200, ramal 2714, com Fernando Hoffmann.

SÃO PAULO

- 2 a 6/04. **Revisão: o Trabalho com o Texto**. Carga horária: 39 horas. Das 17 às 21h. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-9555 ou 232-7171.

Abdalla (IFT-UNESP), dentro do evento "Física ao Entardecer". Às 18h30. No Auditório do Instituto de Física Teórica (IFT). Na Rua Pamplona, 145, Bela Vista. Informações: (0xx11) 3177-9073 ou 3177-9029.

- 12/04. Lançamento do livro *A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*, de Jeffrey Lesser. Das 19h às 21h30. Na Livraria Unesp, na Alameda Santos, 647. Informações: (0xx11) 252-0630.
- 16, 17, 18 e 20/04. **Planejamento Estratégico na Área Editorial**. Carga horária: 16 horas. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-9555 ou 232-7171.
- 19/04. Lançamento do livro *A História à Prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*, de François Dosse. Das 19h às 21h30. Na Livraria Unesp, na

ENCONTRO

A identidade do design

Evento debate novas possibilidades de atuação desse profissional

Estudantes, professores e profissionais de *design*, de diversas regiões do Brasil, estarão reunidos, de 23 a 27 de abril, no câmpus de Bauru, onde estará acontecendo o Inter Designer 2001. Organizado por alunos do curso de Desenho Industrial da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, o evento, bianual, está na sua sétima edição. No Inter Designers 2001, palestras, exposições e workshops abordarão o tema "Novos Conceitos – Design Consciente". Durante os debates, serão discutidas novas possibilidades de atuação do designer. "A proposta é cmar uma discussão sobre a identidade brasileira



Robson Avelino dos Santos

Gaveteiro 360º: projeto da Faac

no *design* contemporâneo", diz a responsável pela comissão organizadora do evento, a arquiteta e *designer* Paula da Cruz Landim, do Departamento de Desenho Industrial da FAAC.

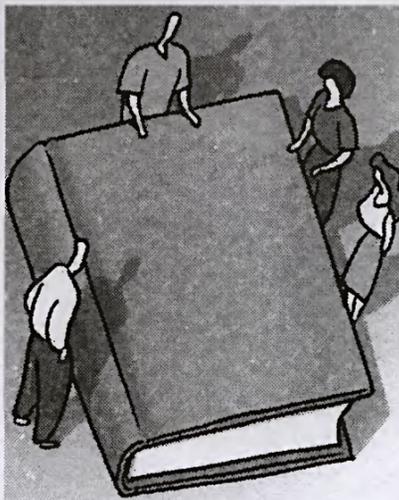
Na programação constam nomes respeitados do *design* brasileiro, como Miriam Maber, Márcio Araújo, Felipe Taborda, Lincoln Seragini, Lars Diederichsen, Maurren Bisilliat, Elesbão e Haroldinho e Rafic Farah, entre outros. Para Paula, o encontro contribui para o esclarecimento de questões que permeiam o universo do estudante de *design*. "É extremamente salutar que o evento seja organizado por eles e para eles", conclui. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (0xx14) 221-6067 ou pela *home-page* www.bauru.unesp.br/idesigne.htm, e-mail interdesigners@faac.unesp.br
 Cleide Portes, de Bauru

- 2 a 4 e 7 a 9/05. Inscrições para o **II Festival Universitário de Atletismo: Provas de Pista**, a ser realizado em 11/05. Participantes: alunos de graduação e pós-graduação do câmpus de Rio Claro. Coordenação: Sara Quenzer Matthiesen. Promoção: Departamento de Educação Física do IB. Das 13h30 às 18h. Na Pista de Atletismo da UNESP, câmpus de Rio Claro. Inscrições no Restaurante Universitário. Informações: (0xx19) 526-4161.
- 31/05. Último dia para a inscrição no Curso de Especialização **Perspectiva Espacial do Turismo**, a ser realizado em julho/2001 e janeiro a fevereiro/2002. Promoção do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). No IGCE. Informações e inscrições: (0xx16) 3203-1322, ramais 202,219 e 230, no Setor de Eventos da Funep.

RIO DE JANEIRO

- 22 a 25/05. **Os Desafios do Texto: do leitor ao navegador**. Seminários com Roger Charter. Conferências em espanhol, seguidos de debates com convidados. Carga horária: 8 horas. Promoção: Escola do Livro. Apoio cultural: Consulado Francês no Rio de Janeiro. Co-realização: Centro Cultural Banco do Brasil. No

- 2 a 19/04. **Diagramação de Livros, Revistas e Jornais com o Adobe PageMaker 6.5**. Das 18h30 às 21h30. Carga horária: 20 horas. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-9555 ou 232-7171.



- 2/04 a 10/07. Prazo de inscrições para a **edição de textos de docentes e pós-graduados da UNESP**, numa parceria entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UNESP (Propp) e a Fundação Editora da UNESP. Informações: (0xx11) 232-7171, na Editora UNESP.
- 6/04. Palestra **Os Primeiros Três Minutos**, de Maria Cristina Batoni

- Alameda Santos, 647. Informações: (0xx11) 252-0630.
- 23, 24 e 25/04. **A Captação de Recursos: Princípios e Técnicas**. Carga horária: 12 horas. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-9555 ou 232-7171.
- 27/04. **Problemas da Tradução Literária**. Carga horária: 8 horas. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-9555 ou 232-7171.
- 7 a 11/5. **Gramática de usos do Português**. Carga horária: 20 horas. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-9555 ou 232-7171.
- 11/05. Palestra **O relógio Atômico: Como Funciona e Para Que Serve**, de Vanderlei Bagnato (IF-USP-São Carlos), dentro do evento "Física ao Entardecer". Às 18h30. No Auditório do Instituto de Física Teórica (IFT). Na Rua Pamplona, 145, Bela Vista. Informações: (0xx11) 3177-9073 ou 3177-9029.
- 19/05. Palestra **Pornografia: O Sexo Revolucionário**, de Mauro Cherobim, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. No Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade (CEPCoS). Na Rua Traipu, 523, Perdizes. Informações: (0xx11) 3666-5421.

Servidão humana

Pesquisadora resgata a trágica história de 2 mil trabalhadores rurais mantidos em regime de semi-escravidão pela família Matarazzo

Durante a década de 1960, a menina dos olhos da então poderosa família Matarazzo, a Fazenda Amália, localizada no Oeste Paulista, foi cenário de uma história que ilustra exemplarmente a passagem dos trabalhadores agrícolas do regime de colonos para o de bóias-frias. Após seis dias de greve, cerca de 2 mil trabalhadores rurais, que moravam em 21 colônias da propriedade, foram despedidos e impedidos de trabalhar nas áreas dominadas pela empresa. “Começou assim uma diáspora pelo Estado de São Paulo e a sua substituição por trabalhadores temporários, que passaram a habitar nas cidades e cujo único patrimônio era a energia para cortar cana”, conta a socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva, professora aposentada da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, que coordenou o projeto *Mulheres da cana: memórias*.

A pesquisa resgatou 60 anos de história dos trabalhadores, tanto homens como mulheres, da Fazenda Amália, propriedade de 11 mil alqueires que, com sede em Santa Rosa do Viterbo, a 40 km de Ribeirão Preto, abrangia ainda áreas em São Simão, Serra Azul, Cajuru e Tambaú. “Foram quatro anos de pesquisa, 70 depoimentos registrados em 140 horas de fitas gravadas com ex-trabalhadores da Amália, levantamento de 300 fotos, leitura de mais de 200 processos trabalhistas e entrevistas com dois juizes do trabalho”, contabiliza a pesquisadora, que colabora com o programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu.

No início do século XX, a fazenda pertenceu a Henrique Santos Dumont, irmão do criador do aeroplano, que a batizou “Amália” em homenagem à esposa. “Ele erradicou os pés de café, introduziu a cultura da cana-de-açúcar e instalou uma usina de açúcar e destilaria de álcool, dotadas de uma pequena ferrovia. Nos anos 20, a fazenda foi comprada por três empresários de São Paulo, entre eles o conde Francesco Matarazzo. “O conde passou sua parte para o filho, Francisco, que, em

1931, comprou a parte dos outros sócios”, conta Maria Aparecida. “Implantaram, então, um complexo agroindustrial e construíram um palacete, onde a família passava as férias, dava festas e recebia visitantes ilustres, como Juscelino Kubitschek.”

Com o objetivo de baixar custos, implantando indústrias sempre próximas às matérias-primas, Francisco criou fábricas de papelão, para utilizar o bagaço de cana; de ácido cítrico, a partir de melão de cana; de éter sulfúrico, aproveitando o excedente de álcool; e de doces e conservas, que utilizava a produção das culturas que ele mesmo introduziu na fazenda, como marmelo, goiaba e abacaxi. “Em 1937, as Indústrias Matarazzo lançaram os produtos Amália”, informa a pesquisadora da FCL.

Cada colônia tinha de 50 a 100 titulares, um administrador, o armazém e a casa do feitor. “Elas ficavam bem distantes umas das outras, para evitar a união entre os trabalhadores”, afirma a pesquisadora. “Na sede da fazenda, ficava o escritório, a casa do gerente e a dos trabalhadores mais qualificados, além da farmácia, do hospital, do cinema e do



Reprodução



L. Borges e F. de Pien

Bóia-fria (1957) coberta dos pés à cabeça, para “dar respeito aos homens”. À esquerda, ex-trabalhadora com deformidades causadas pelo corte da cana

campo de futebol, onde eram realizados torneios aos domingos.”

Os trabalhadores agrícolas desse império eram submetidos a um regime semi-escravocrata. Trabalhavam das 6h às 21h e, na época da colheita, aos domingos e feriados, sem direito a férias ou a décimo terceiro salário. “O pagamento era feito por produtividade, na forma de vales, gastos no armazém e na farmácia. No final do mês, o trabalhador ficava devendo e não podia abandonar a fazenda”, diz Maria Aparecida. “Só o chefe da família era contratado. Os dependentes, como esposa e filhos, trabalhavam, mas não possuíam o registro formal de emprego. Muitos agricultores não tinham calçados e os pés rachavam até sangrar.”

GREVE-PRETEXTO

O problema surge, a partir de 1963, quando o Estatuto do Trabalhador Rural assegurou aos trabalhadores rurais os mesmos direitos dos urbanos. Portanto, a situação trabalhista da fazenda era extremamente irregular. “Tudo indica que a greve de seis dias de 1966, cujo início e fim foram decretados pelo Sindi-

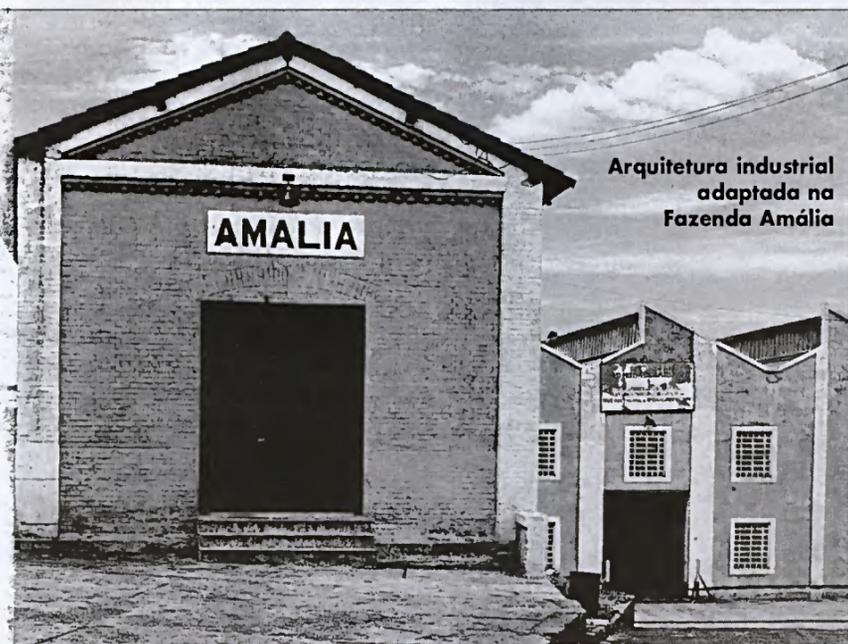
cato dos Trabalhadores Rurais, foi idealizada pelos próprios Matarazzo, como pretexto para se livrar desses trabalhadores”, afirma a socióloga. “Estávamos em plena ditadura militar e a Lei de Greve tornava justificável a demissão em massa, e por justa causa, após uma paralisação.”

Pouco antes da eclosão da greve, os líderes dos trabalhadores passaram oito meses na Bahia, onde os Matarazzo tinham indústrias. Suspeita-se que tenham sido levados para lá para receber orientação. “Após esse provável período de doutrinação, os líderes montaram uma chapa única, controlaram o sindicato e decretaram a greve, alegando não-cumprimento do dissídio”, relata a pesquisadora. “Após o término do movimento, os trabalhadores receberam a notícia que estavam despedidos. Isso significava não só perder o emprego, mas também a moradia na colônia, logo demolida, e todos os direitos trabalhistas.”

Como muitos trabalhadores que não participaram da greve também foram demitidos, numerosas ações trabalhistas foram impetradas contra os Matarazzo. A justiça morosa, porém, levou muitos ex-colonos da Amália a realizarem acordos por até 10% do valor inicial. “Como a poderosa família proibiu que os demitidos voltassem a trabalhar na Amália, eles se espalharam por Leme, Barrinha, Porto Ferreira e São Paulo”, diz Maria Aparecida. “Os que permaneceram mantêm o nome, trabalhavam no lugar de outra pessoa ou recebiam ajuda dos vizinhos para sobreviver.”

Pesquisadora do mundo rural há 20 anos, Maria Aparecida mergulhou na vida dos descendentes dos colonos da Fazenda Amália, hoje desmembrada e arrendada, mas ainda em parte controlada pelos Matarazzo. “Muitas mulheres são mães-solteiras ou sustentam maridos alcoólatras. Seus corpos estão estropeados pela lida nos canaviais e os filhos trabalham como pedreiros e empregadas domésticas ou estão presos por envolvimento com drogas”, afirma. “Ao percorrer seis décadas de história da Amália, esta pesquisa resgata a memória de colonos e bóias-frias, trabalhadores marginalizados que, substituídos pela máquina, estão em desaparecimento.”

Oscar D'Ambrosio



Arquitetura industrial adaptada na Fazenda Amália



Palacete da Fazenda Amália (1950): pouso de Juscelino Kubitschek

Fundação Cultural de Santa Rosa de Viterbo



Jardineira, na década de 1940: transporte entre Santa Rosa e a fazenda

Fundação Cultural de Santa Rosa de Viterbo